



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DE MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

**INTERICONICIDADE: LEITURA IMAGÉTICA DE CHARGES
REPRESENTATIVAS DE GÊNERO/MASCULINIDADE**

**MONTEIRO – PB
2019**

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

INTERICONICIDADE: LEITURA IMAGÉTICA DE CHARGES REPRESENTATIVAS DE
GÊNERO/MASCULINIDADE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes

MONTEIRO – PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333i Batista, Alcione Remígio.
Intericonicidade [manuscrito] : leitura imagética de charges representativas de gênero/masculinidade / Alcione Remígio Batista. - 2019.
70 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Letras: Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Charges. 2. Identidade de gênero. 3. Análise do discurso. 4. Intericonicidade. 5. Masculinidade. I. Título
21. ed. CDD 401.41

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

INTERICONICIDADE: LEITURA IMAGÉTICA DE CHARGES REPRESENTATIVAS DE
GÊNERO/MASCULINIDADE

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Estudos Linguísticos e
Literários da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito para obtenção do título de
especialista.

Aprovada em: 30/04/2019

BANCA EXAMINADORA

Paulo Aldemir Delfino Lopes

Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes (UEPB/UFPB)

Orientador

Christina G. M. Nogueira

Prof.^a. M.^a. Christina Gladys de Míngareli Nogueira (UEPB/UEPE)

Examinadora

Luciana Vieira Alves Boche

Prof.^a. M.^a Luciana Vieira Alves (UEPB/UFCG)

Examinadora

Dedico este trabalho a toda a minha família, meus amigos e a todos os mestres da minha pós-graduação. Que através dos vossos ensinamentos eu possa me espelhar e ser o espelho para muitos colegas. Que o meu trabalho seja fonte de inspiração e aprendizado para todos que dele venham a usufruir.

AGRADECIMENTOS

Serei sempre grata a minha família, em especial, aos meus pais, Iones e Heleno, que foram meus amigos de todas as horas, pela infinita bondade de ter em mim plantado o desejo de crescer, de aprender e de ensinar tudo o que aprendi, sem nunca esquecer que para chegar aqui nesse pódio, passei por muitas travessias, obstáculos que me fizeram superar os medos e as angústias, obstáculos que me fizeram tirar da cabeça a vontade de desistir. Foi com muita dedicação e paciência, e com todo o incentivo da minha família (meus pais, minha irmã e meu noivo) que construí em mim uma inspiração contínua, para que nunca desistisse dos meus sonhos. Sou grata, por todas as vezes que me ergueram as mãos nos meus momentos de dificuldades.

Serei grata... A todos os meus mestres da graduação, pois sem ter passado por eles não teria alcançado esse nível de superação, de aprendizagem. Agradeço aos meus mestres e mestras da pós-graduação, minhas fontes de inspiração, de apoio, fonte do meu amadurecimento. Vocês sempre serão lembrados, onde quer que eu vá...

Sou grata, especialmente, ao meu orientador Paulo Aldemir Delfino Lopes, pela pessoa grandiosa e que se dispôs a me estender a mão no meu momento de aflição, quando me senti desesperada ao saber que “fui abandonada pelo meu possível orientador”, rrsrrs. Agradeço por sua consideração, sua bondade em sempre se fazer disponível mesmo quando estava coberto de trabalho. Agradeço pela paciência que teve comigo, eu que sempre estive a lhe incomodar, preocupada, ansiosa, pensando sempre nos prazos. Você, Paulo, foi extremamente importante nessa minha trajetória. Você fez parte da minha Banca da graduação. E hoje, não faz mais parte só desse momento de Banca, mas fará sempre parte da minha vida, pois são nesses momentos que devemos ser gratos pelos ensinamentos, pelos puxões de orelhas. E, de certa forma, nos tornamos amigos.

Agradeço a todas as minhas amigas da Pós-graduação, porque mesmo com algumas indiferenças e conflitos aprendemos a superar e a estarmos sempre juntas. Vocês farão parte da minha vida, e eu serei muita grata por tudo que aprendi com vocês. Agradeço a todas pela amizade que foi criada entre nós, pela contribuição de cada uma na minha conquista.

“A nossa identidade constrói-se pelo que fazemos. Assim, quando nos deixamos prender e arrastar pelas algemas da monotonia, muitos de nós perdem a oportunidade de uma existência plena por não ousarem remar contra as suas próprias marés de costumes e tradições”.

(José Luís Nunes Martins)

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um estudo de charges representativas de gênero/masculinidade, tendo como foco a contribuição do texto imagético e da leitura numa perspectiva discursiva para a construção dos sentidos. Nesse sentido, temos as seguintes questões de pesquisa: Como a leitura de imagens a partir da intericonicidade influencia a produção de sentidos das charges representativas de gênero? De que forma a leitura discursiva das charges apresenta a representatividade de gênero/masculinidade na sociedade atual? Desse modo, temos como objetivo geral: Investigar as construções de sentidos que se manifestam nos discursos imagéticos das charges representativas de gênero/masculinidade e feminilidade através da intericonicidade. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Compreender os discursos imagéticos presentes nas charges que apresentam a representatividade de gênero; b) Observar a relação intericônica nas representações de gênero/masculinidade e feminilidade das charges com outros enunciados dispersos na sociedade e; c) Analisar a contribuição das charges na construção de sentidos a partir da leitura discursiva no que concerne à representação do sujeito masculino na sociedade. Nesta pesquisa, constam (07) charges selecionadas, através do site Google, no período de março de 2018 a julho de 2018. A seleção das charges para a realização de nossa pesquisa teve como embasamento os discursos que perpassam o texto imagético e as vozes discursivas que estão presentes para a construção e produção de sentidos. A metodologia deste trabalho é, essencialmente, qualitativa, no que concerne à natureza dos dados, uma vez que se busca descrever os dados da pesquisa, preocupando-se com a compreensão e interpretação dos mesmos. Para fundamentar a pesquisa, temos como base o aporte teórico da Análise do Discurso e suas implicações na leitura de imagens e nas relações de intericonicidade (PÊCHEUX *et al.*, 2007; ORLANDI, 2008; COURTINE, 2008; MILANEZ, 2009). Ainda são utilizados autores que nos possibilitam refletir acerca das disputas pelo poder, no que concerne à representatividade do gênero masculino (LIMA, 2016; MATTOS; CASTRO, 2011; OLIVEIRA, 2004), entre outros. Do modo como a sociedade retrata o papel do homem e da mulher, percebemos que houve mudanças significativas, uma vez que os papéis que cada sujeito exerce hoje parecem não ser como antes, bem definidos e/ou delimitados, pois verificamos uma unificação de papéis, na qual tanto o homem como a mulher podem exercer as mesmas funções, embora ainda exista a discrepância entre os direitos dos homens e mulheres, sobretudo no tocante ao mercado de trabalho e às instâncias sociais, porque mesmo com algumas alterações nos papéis dos sujeitos, ainda há uma obsessão pela diferenciação de gêneros.

Palavras-chave: Charges. Identidade de gênero. Intericonicidade. Representatividade masculina.

RESUMEN

Esta investigación se trata de un estudio de las caricaturas representativas de la masculinidad, teniendo como foco la contribución del texto imagético y de la lectura en una perspectiva discursiva para la construcción de los sentidos. En este sentido, tenemos las siguientes cuestiones de investigación: ¿Cómo la lectura de imágenes a partir de la intericonicidad influye en la producción de sentidos de las caricaturas representativas de género? ¿De qué forma la lectura discursiva de las caricaturas presenta la representatividad de género / masculinidad en la sociedad actual? De este modo, tenemos como objetivo general: Investigar las construcciones de sentidos que se manifiestan en los discursos imagéticos de las caricaturas representativas de género / masculinidad y feminidad a través de la intericonicidad. De este modo, tenemos como objetivo general: Investigar las construcciones de sentidos que se manifiestan en los discursos imagéticos de las caricaturas representativas de género / masculinidad y feminidad a través de la intericonicidad. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Comprender los discursos imagéticos presentes en las caricaturas que presentan la representatividad de género; b) Observar la relación intericónica en las representaciones de género / masculinidad y feminidad de las caricaturas con otros enunciados dispersos en la sociedad y; c) Analizar la contribución de las caricaturas en la construcción de sentidos a partir de la lectura discursiva en lo que concierne a la representación del sujeto masculino en la sociedad. En esta investigación, constan (07) caricaturas seleccionadas, a través del sitio Google, en el período de marzo de 2018 a julio de 2018. La selección de las caricaturas para la realización de nuestra investigación tuvo como base los discursos que atraviesan el texto imagético y las voces discursivas que están presentes para la construcción y producción de sentidos. La metodología de este trabajo es esencialmente cualitativa, en lo que concierne a la naturaleza de los datos, una vez que se busca describir los datos de la investigación, preocupándose por la comprensión e interpretación de los mismos. Para fundamentar la investigación, tenemos como base el aporte teórico del Análisis del Discurso y sus implicaciones en la lectura de imágenes y en las relaciones de intericonicidad (PÉCHEUX et al., 2007; ORLANDI, 2008; COURTINE, 2008; MILANEZ, 2009). Aún se utilizan autores que nos posibilitan reflexionar acerca de las disputas por el poder, en lo que concierne a la representatividad del género (LIMA, 2016; MATTOS; CASTRO, 2011; OLIVEIRA, 2004), entre otros. De la manera en que la sociedad retrata el papel del hombre y de la mujer, percibimos que hubo cambios significativos, ya que los papeles que cada sujeto ejerce hoy parecen no ser como antes bien definidos y / o delimitados, pues verificamos una unificación de roles, que tanto el hombre como la mujer pueden ejercer las mismas funciones, aunque todavía existe la discrepancia entre los derechos de los hombres y las mujeres, sobre todo en lo que se refiere al mercado de trabajo ya las instancias sociales, porque incluso con algunas alteraciones en los papeles de los sujetos, una obsesión por la diferenciación de géneros.

Palabras-clave: Caricaturas. Identidad de género. Intericonicidad. Representatividad masculina.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mulheres de diferentes etnias contra o assédio sexual.....	45
Figura 2 – Diferença salarial motivada pela diferença de gênero	48
Figura 3 – Sobre o Dia Internacional da Mulher.....	50
Figura 4 – Inversão de papéis no Dia da Mulher.....	53
Figura 5 – Futebol de salto alto	56
Figura 6 – Dia do homem <i>versus</i> dia da mulher.....	59
Figura 7 – Ressignificando o super-herói.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LEITURA IMAGÉTICA E INTERICONICIDADE: PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	17
2.1 Análise do Discurso de Linha Francesa.....	17
2.1.1 Análise do Discurso: um breve percurso histórico.....	17
2.1.2 Leitura discursiva	18
2.1.3 Produção de sentidos e discurso	19
2.1.4 Texto e texto imagético	21
2.1.5 Memória e Intericonicidade.....	22
2.2 Discurso Imagético: memória discursiva e os implícitos	24
3 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA E O PODER DA MASCULINIDADE: GÊNERO DISCURSIVO CHARGE E IDENTIDADE DE GÊNERO, EIS A INTERAÇÃO.....	28
3.1 Charge: discursividades midiáticas	28
3.2 A representatividade feminina e o poder da masculinidade	33
3.3 Gênero/Masculinidade: da história à contemporaneidade.....	38
4 VIAJANDO DISCURSIVAMENTE NO MUNDO DAS CHARGES: MODOS DE SER MASCULINO	44
4.1 A identidade masculina e as relações de poder nas charges	44
4.2 A intericonicidade e as relações de gênero	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa envolve um contexto atual e propõe uma discussão relevante sobre a representatividade de gênero masculino, compreendendo não só o papel do homem na sociedade, como também entendendo a representação da mulher a partir dos estereótipos machistas. Tratamos, portanto, de um estudo de charges representativas de gênero/masculinidade, tendo como foco a contribuição do texto imagético e da leitura numa perspectiva discursiva para a construção dos sentidos. Há, nas charges, portanto, uma relação de discursos na qual, além de se revelar uma dimensão que podemos descrever e interpretar, elas têm como propósito provocar o riso e o humor a partir da satirização ocorrida com instâncias sociais, como em discursos políticos, religiosos, entre outros. O texto visual empregado nas charges revela-se um grande contribuinte para a construção de sentidos que são materializados nos processos de leitura, o que influencia o leitor na percepção de desvendamentos de teor crítico e humorístico. A análise da leitura do texto imagético parte do pressuposto de que construir sentidos discursivos através de significações relacionadas ao funcionamento de implícitos considera não somente o que há perpassado no texto verbal, mas o cruzamento entre o mesmo e a imagem, e, como essa imagem contribui para a formação de sentidos a partir do humor.

É a partir da imagem, de outros discursos existentes, que compreendemos e construímos os nossos discursos, reportando-nos aos elementos integrantes para a construção de significados. Esse discurso imagético, que é entrelaçado com a memória social, está presente nos arquivos midiáticos, o que causa uma maior revelação e interpretação dos sentidos. A memória social não diz respeito a uma memória que reporte lembranças ou recordações do tempo passado, essa noção de memória diz respeito à memória discursiva, em que “um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição com outros discursos” (FERNANDES, 2005, p. 56). Essa memória social trata-se de uma relação entre discursos, os quais promovem reflexões acerca da materialidade dos discursos para a produção de sentidos.

Os discursos que circulam nos meios midiáticos convergem para a construção de significados e produções de sentidos carregados de visões formadoras de opinião. Diante disso, percebemos que as imagens presentes nos gêneros discursivos propõem, na maioria das vezes, uma força maior de representação social da realidade, podendo nos fornecer um significado além do que diz o texto verbal.

É por meio da apropriação da realidade representada no gênero charge que o leitor constrói uma visão do ambiente e das instâncias sociais que o rodeiam e o representam através da dinamização do contexto de interação entre os discursos de outrem e o modo como eles aparecem. Nesse contexto, partimos da compreensão de que as charges são construídas a partir de um já dito, isto é, de outros dizeres que são propagados através de outros discursos já existentes, homogeneizados nas práticas sócio-discursivas. As imagens apresentadas nas charges, como também em outros gêneros midiáticos, vêm sendo tomadas como um recurso de grande relevância para trabalhar questões relativas à leitura, percebendo que a linguagem visual nelas empregada é de fácil compreensão, transmitindo, assim, várias informações, de uma só vez, a partir de uma leitura rápida. Nesse contexto, esta pesquisa justifica-se pelo fato de a leitura de charges possibilitar a construção de sentidos sobre como a masculinidade é representada na sociedade, sob o viés histórico-cultural, a partir da leitura imagética, considerando a intericonicidade, ou seja, a memória discursiva do sujeito no tocante à leitura de outras imagens e enunciados em sua dispersão característica. Diremos, pois, que a formação discursiva do sujeito se define (pelo menos quanto a seus objetos) pelo estabelecimento de um conjunto semelhante, pelo lugar ou posição em que se encontra, compreendendo a lei do aparecimento, a origem simultânea ou sucessivamente de objetos que se excluem, sem necessariamente ter de se modificar (FOUCAULT, 2005).

Para a análise das charges, contextualizando a representação do gênero masculino na sociedade atual, tomamos como base as contribuições da Análise do Discurso, isso implica em observar o não dito das charges e como uma imagem retoma os dizeres de outras imagens já apresentadas, atenuando-se que as imagens, sejam elas fixas ou em movimento, recobram o que memorizamos dos acontecimentos. O nosso estudo tem por base as reflexões acerca das relações de intericonicidade (COURTINE, 2008) para analisar como o texto imagético é contribuinte para a leitura e produção de sentidos nas charges. Entendemos a intericonicidade como os sentidos que são construídos a partir de inferências estabelecidas pelos sujeitos por meio da relação da imagem que vê e da retomada ao fato a que faz referência, isto é, através da ativação de sua memória.

Nesse sentido, partimos das seguintes questões: Como a leitura de imagens a partir da intericonicidade influencia a produção de sentidos das charges representativas de gênero? De que forma a leitura discursiva das charges apresenta a representatividade de gênero/masculinidade na sociedade atual?

Desse modo, buscamos como objetivo geral: Investigar as construções de sentidos que se manifestam nos discursos imagéticos das charges representativas de gênero/masculinidade

e feminilidade através da intericonicidade. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Compreender os discursos imagéticos presentes nas charges que apresentam a representatividade de gênero; b) Observar a relação intericônica nas representações de gênero/masculinidade e feminilidade das charges com outros enunciados dispersos na sociedade e; c) Analisar a contribuição das charges na construção de sentidos a partir da leitura discursiva no que concerne à representação do sujeito masculino na sociedade.

A ideia de pesquisar charges advém do fato de as mesmas enquanto instrumento constituinte de identidades e sentidos das relações sociais, poderem ser lidas e estudadas a partir de outros discursos imagéticos e de como a nossa leitura reflete os discursos de outrem, percebendo o quão os discursos das charges podem denunciar o estado comportamental e social dos sujeitos, possibilitando também o desenvolvimento de habilidades que focalizam a compreensão e a construção de sentidos a partir da junção do texto verbal com o texto imagético.

A ênfase do nosso trabalho é a compreensão acerca das concepções que se tem do texto imagético e as contribuições que a Análise do Discurso de linha francesa propõe para que possamos atribuir diferentes sentidos às imagens, além de proporcionar subsídios para o entendimento da construção de nossos discursos. Para fundamentar a pesquisa, temos como base o aporte teórico da Análise do Discurso e suas implicações na leitura de imagens e nas relações de intericonicidade (PÊCHEUX *et al.*, 2007; ORLANDI, 2008; COURTINE, 2008; MILANEZ, 2009). Ainda são utilizados autores que nos possibilitam refletir acerca das disputas pelo poder, no que concerne à representatividade do gênero masculino (LIMA, 2016; MATTOS; CASTRO, 2011; OLIVEIRA, 2004), entre outros.

Para a constituição do *corpus* da nossa pesquisa, fizemos regularmente um levantamento de charges na internet para observarmos os fatos que estão sendo reportados a respeito da masculinidade e as condições de produção do gênero em questão. Nesta pesquisa, constam (07) charges selecionadas, através do site Google, no período de março de 2018 a julho de 2018. A seleção das charges para a realização de nossa pesquisa teve como embasamento os discursos que perpassam o texto imagético e as vozes discursivas que estão presentes para a construção e produção de sentidos. A metodologia deste trabalho é, essencialmente, qualitativa, no que concerne à natureza dos dados, uma vez que se busca descrever os dados da pesquisa, preocupando-se com a compreensão e interpretação dos mesmos. Entretanto, nossa pesquisa também é descritivo-interpretativista, assim como é necessário em toda pesquisa, foi feito, em primeira instância, um levantamento bibliográfico e, em seguida, houve a observação e interpretação dos dados.

Segundo as fontes de informação, nosso trabalho pode ser classificado como: a) *Pesquisa de campo*, onde fizemos observações pela internet, isto é, foi através da internet que dispusemos de elementos para explicar o nosso objeto de pesquisa, já que este se trata dos modelos de masculinidades que estão presentes no gênero discursivo e midiático charge; b) *Documental*, é realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas: trata-se de registros de imagens de charges na internet, considerando que nem todas as charges selecionadas são restritas somente ao texto visual, há também a presença de discursos verbais; c) *Bibliográfico*, é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material público em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Nesta pesquisa, por exemplo, nos respaldamos em materiais impressos e eletrônicos, como livros e artigos de revistas científicas disponibilizados na internet.

Podemos observar que, a partir da leitura imagética das charges e da noção de intericonicidade, a representação masculina há muito tempo foi designada como partindo de um sujeito superior que exercia o poder dominante perante a sociedade. Mas, percebemos que, aos poucos, a classe feminina também está adquirindo este espaço de dominação. Nesse sentido, compreendemos que há uma busca incessante pela unificação de identidades, que é produzida nas práticas discursivas empregadas pelo meio social contemporâneo.

Ao atentarmos ao modo como a sociedade retrata o papel do homem e da mulher, percebemos que houve mudanças significativas, uma vez que os papéis que cada sujeito exerce hoje parecem não ser como antes, bem definidos e/ou delimitados, pois vemos uma unificação de papéis, na qual tanto o homem como a mulher podem exercer as mesmas funções, têm capacidades de efetuar as mesmas atividades, embora ainda persista uma enorme discrepância entre os direitos dos homens e das mulheres, sobretudo no tocante ao mercado de trabalho e às instâncias sociais, pois, mesmo com algumas alterações nos papéis dos sujeitos, ainda há uma obsessão pela diferenciação dos gêneros.

Para melhor organizarmos nosso trabalho, dividimos em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Leitura Imagética e Intericonicidade: percorrendo os caminhos da Análise do Discurso*, são apresentadas algumas considerações relacionadas à Análise do Discurso de linha francesa. Ainda neste capítulo, elucidamos algumas considerações teóricas relacionadas às concepções de leitura imagética discursiva e discorremos como a intericonicidade se perfaz de uma memória discursiva construída sob o viés da produção de sentidos a partir de uma base imagética já vista antes, isto é, de um discurso imagético já existente. No segundo capítulo, *A representatividade feminina e o poder da masculinidade:*

gênero discursivo charge e identidade de gênero, eis a interação, apresentamos alguns respaldos que correspondem ao conceito do gênero discursivo charge e à identidade de gênero, assim como o contexto histórico, as desigualdades e a vulnerabilidade circunscrita nos modelos de masculinidades que estão presentes na atual sociedade, considerando, também, o lugar social no qual a mulher está inserida e sua respectiva atuação nos dias de hoje. Ainda, elucidamos que o terceiro capítulo, intitulado *Viajando discursivamente no mundo das charges: modos de ser masculino*, dará atenção à análise dos dados. Aqui, iremos perceber as possíveis mudanças no “mundo” masculino, em como o homem continua sendo macho sem ter que excluir de si mesmo o seu íntimo emocional, os seus sentimentos, sem abster-se do seu mundo selvagem. Apresentamos as *Considerações Finais*, expondo algumas indagações e constatações obtidas a partir da pesquisa. Por fim, são apresentadas as *Referências* que foram utilizadas para a construção da nossa pesquisa.

2 LEITURA IMAGÉTICA E INTERICONICIDADE: PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Mémoire, Histoire: loin d'être synonymes tout les oppose.
 La mémoire est la vie...
 Elle est en évolution permanente,
 ouverte à la dialectique du souvenir et de l'amnésie,
 inconsciente de ses déformations successives, ...
 susceptible de longues latences et soudaines revitalisations.
 L'histoire est la reconstruction toujours problématique
 et incomplète de ce qui n'est plus.
 L'histoire est une représentation du passé
 La mémoire s'enracine dans l'espace, le geste, l'image et l'objet.
 L'histoire ne s'attache qu'aux continuités temporelles.¹
 Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*, 1984 (INDURSKY, Freda).

Em função dos objetivos que se voltam para o estudo da leitura de imagens e da perspectiva que elucida a memória discursiva imagética (intericonicidade), explanaremos neste capítulo um entendimento sobre a Análise do Discurso de linha francesa e sobre os diferentes funcionamentos discursivos.

2.1 Análise do Discurso de Linha Francesa

A Análise do Discurso, abordada de forma genérica, pode trazer significados muito amplos, já que toda produção de linguagem pode ser considerada “discurso”. No entanto, a Análise do Discurso (doravante AD) trata-se de uma disciplina que teve sua origem na França, na década de 1960, por Michel Pêcheux. Devido este projeto está em constante processo de revisão e mudanças nos seus principais conceitos, Pêcheux (1990) apresenta as três épocas da Análise do Discurso.

2.1.1 Análise do Discurso: um breve percurso histórico

O primeiro momento da Análise do Discurso - AD-1 - explora a noção de maquinaria discursiva, que resulta de uma posição estruturalista pós-saussureana e pode ser compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento. Na AD-1, o discurso foi

¹ Memória, História: longe de serem sinônimos... tudo as opõe. A memória é a vida... ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas... suscetível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A história é uma representação do passado... A memória se enraíza no espaço, no gesto, na imagem, e no objeto. A história se apega tão somente às continuidades temporais (Tradução nossa).

considerado como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, sendo também homogêneo, ou seja, uma maquinaria discursiva fechada em si (FERNANDES, 2007). A segunda época da AD – AD-2 –, apresenta a noção de formação discursiva (doravante, FD) tomada como empréstimo do filósofo Michel Foucault (1969), tal noção é tida como um dispositivo que desencadeia esse processo de transformação na concepção do objeto de análise da Análise do Discurso. Isto porque uma formação discursiva constitui-se de outras formações discursivas, de elementos que vêm de seu exterior, ao que Pêcheux denominou de pré-construído.

Na terceira época da Análise do Discurso – AD-3, atual fase da AD com a qual lidamos nesta pesquisa, adota-se a perspectiva de que os diversos discursos que atravessam uma formação discursiva não se constituem independentemente uns dos outros para serem postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Portanto, será a relação interdiscursiva que estruturará a identidade das FDs em questão.

Mediante essas considerações, os conceitos acrescentados e os reformulados na 3ª fase, abriam caminho para que a formulação teórica da Análise do Discurso tivesse continuidade após a morte de Michel Pêcheux, em 1983. E se a AD, iniciada na França na década de 1960, começou a ter lugar no Brasil somente a partir de 1980, é porque a natureza política observada desde suas bases, e ainda a constatação de que por trás das palavras pronunciadas outras são ditas, necessitavam de condições de produção historicamente favoráveis à sua implementação. Como aponta Gregolin (2004), a história da Análise do Discurso no Brasil toma caminhos diferentes dos percorridos na França.

Entendemos, segundo Gomes (2012), a Análise do Discurso de linha francesa como um campo de possibilidades que promove a articulação entre a materialidade dos enunciados, sua inscrição em arquivos históricos, sua inserção em formações discursivas e ideológicas, suas estratégias de controle saber/poder, seu agrupamento e circulação em práticas socioculturais. Com isso, podemos perceber que é na relação do sujeito com a exterioridade, mediada por práticas sociais simbólicas, que se pode compreender o processo de significação materializado no discurso.

2.1.2 Leitura discursiva

É relevante explicitar que a leitura numa perspectiva discursiva surgiu a partir da Análise do Discurso de linha francesa, que condiciona para um novo modo de ler propiciando, no entanto, diferentes formas de entender e compreender outro texto. Esta teoria busca ir além

do texto escrito, pois tal teoria não vê os sentidos do texto como algo transparente, mas dentro de uma opacidade. Ler, conforme atesta Orlandi (2006, p. 11), “é saber o que o texto diz e não diz”. Sendo assim, a prática de leitura numa perspectiva discursiva passa a observar não só aquilo que está explícito no texto, mas a relação que levou determinado texto a ser produzido naquela esfera social. Pois, enquanto sujeitos autônomos, a língua é considerada instrumento de comunicação no momento em que nos posicionamos e expressamos nossos pensamentos. A língua é um instrumento mediador de interação nas relações sociais.

Tendo em vista as considerações tecidas, é importante que procuremos entender a leitura como processo que gera sentidos. Cogitando reflexões de Orlandi (2008) acerca da leitura, averiguamos que o leitor não busca um sentido imanente, posto no texto, pois é preciso entender a leitura na sua diversidade temática, que envolve também a diversidade de gêneros discursivos, emergentes da necessidade do dizer.

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: historicidade. [...] Historicidade do texto, mas também historicidade da própria ação da leitura, da sua produção. Daí nossa afirmação de que a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, de sua realidade significante. (ORLANDI, 2008, p. 9).

Cabe observar, portanto, “como a dispersão de diferentes materialidades, de vozes e de sentidos são levados a um efeito-texto, ou seja, ao efeito de um texto dotado de unidade e que faz sentido” (MITTMANN, 2011, p. 92). Todo discurso se perfaz de outros discursos já existentes, não existe um discurso novo, mas discursos acometidos de outros dizeres reformulados pelos sujeitos, resultantes de um já dito.

2.1.3 Produção de sentidos e discurso

É no discurso e pelo discurso que as palavras são articuladas, moldadas de acordo com o sentido que o sujeito pretende estabelecer. O discurso é um tipo de enunciado ligado aos espaços sociais e às tramas de poder onde acontece sua produção, e sua validade está ligada não apenas àquilo que efetivamente propõe em relação à realidade, mas também às tramas, discursos e poderes ao qual o discurso está relacionado. Na relação entre linguagem e realidade, deve-se observar o lugar de produção do discurso como um centro de gravidade que atrai e distorce essa formação. Dessa forma, “as relações entre representação e objeto representado dependem de um terceiro fator, os constructos de poder ao qual essa relação

pertence” (MARTINO, 2010, p. 132). O discurso cogita com a relação entre o signo, o mundo e o homem, assim considerando os efeitos de sentido produzidos por um falante.

Pensando na produção de sentidos, estes são produzidos levando em conta a ideologia na qual o sujeito falante está inserido no processo de comunicação. As construções de sentidos se formulam entre o que é dito e não dito, veiculado pelo cruzamento de discursos com subsídios não revelados de maneira explícita. Assim sendo, Fernandes (2007, p. 36) ressalta que:

O sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. A presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso denomina-se de Polifonia. (FERNANDES, 2007, p.36).

Foucault (1998) não vê no discurso uma unidade homogênea, mas um espaço de dispersão do sujeito, um ser dinâmico que está em diversos lugares. Pois, sendo a FD um espaço atravessado por outras FDs, ela não pode ser concebida como formada por elementos ligados entre si por um princípio de unidade. A atribuição de sentidos não é uma tarefa fácil, já que requer algo mais que a apreensão da estrutura linguística. É necessário que seja analisado além do texto verbal ou das imagens. Em relação a esta questão, ressaltamos que:

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2000, p. 42-43).

Mediante essa afirmação, podemos dizer que os sentidos são construídos socialmente, de modo que um mesmo discurso possui diferentes sentidos, pois os mesmos são depreendidos da materialidade discursiva, de acordo com quem enuncia e a posição que ocupa.

2.1.4 Texto e texto imagético

O texto é o lugar da instauração de mecanismos sociais, históricos e ideológicos. Cada texto² possui uma história e uma memória. Portanto, enquanto teoria de entremeio, pois se utiliza de vários campos do conhecimento, os pressupostos da AD contribuem para um ensino mais plural, no sentido de instigar procedimentos de reflexão sobre o que se diz e como se diz. Nesse sentido, Orlandi (2008, p. 54) esclarece que

a constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea. O que é previsível, já que a ideologia não é uma máquina lógica, sem descontinuidade, contradições, etc. É isto que as diferentes posições do sujeito representam no texto. [...] construções discursivas com seus efeitos de caráter ideológico.

No que diz respeito ao tratamento do texto imagético como uma sequência discursiva, cabe salientar, quanto à sua interpretação, que não se trata de observar apenas um traçado de formas e cores, ou de um jogo de claro-escuro, ou do direcionamento da angulação, como nos estudos da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996), por exemplo. Trata-se, acima de tudo, do trabalho simbólico no fazer sentido, pois a interpretação se dá pela historicidade, pela cadeia significativa. Para refletir sobre isso, Achard (1999) expõe:

um texto dado trabalha através de sua circulação social, o que supõe que sua estruturação é uma questão social e que ela se diferencia seguindo uma diferenciação das memórias e uma diferenciação das produções de sentido a partir das restrições de uma forma única. (ACHARD, 1999, p. 17).

Estamos vivendo numa época de sobreposições das imagens, das mídias digitais, da escrita, do virtual, do audiovisual, e como percebemos, esses recursos midiáticos têm sido cada vez mais usados nos registros dos acontecimentos. Certamente, muitas dessas formas corrosivas perdem seu sentido transformador, desorganizador, pois são maquiadas pelo midiático, pelo uso generalizado, pelo cenário. Nesse sentido, a intericonicidade, como noção discursiva, que supõe relacionar conexões de imagens, não pode ser pensada sem o componente espacial, já que este forma a estrutura do dispositivo de memória. Ainda nesse contexto, Pêcheux (1999) destaca:

A imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÊCHEUX, 1999, p. 51).

² A categoria Texto deve ser compreendida como o suporte através do qual um discurso se materializa, podendo ser tal suporte verbal ou não verbal.

Mediante a transparência de sua compreensão, a imagem explora como deve ser lida e como funciona seja enquanto gráfico, esquema, desenhos etc. A proliferação de imagens irrompe uma modificação nos sistemas de produção, recepção e circulação dos discursos, a memória remete a uma imagem pré-existente com os implícitos que veicula, já que toda imagem é a repetição de outra já existente, e esta repetição funda-se, antes de tudo, em um efeito material que consiste em variações e transformações, o que assegura estabilidade produzida pelas possíveis recorrências. De acordo com Orlandi (2017, p. 318),

temos dito que a Análise do Discurso, com seus dispositivos (teórico e analítico, E. Orlandi, 1996), nos permite interrogar a interpretação, compreender como um texto, seja de que natureza material for, produz sentidos. Propicia o entendimento de como se materializam, na textualização, os gestos de interpretação. Interrogar a interpretação é confrontar-se com os efeitos ideológicos que atravessam toda discursividade face à constituição dos sujeitos e dos sentidos.

A imagem, de acordo com Davallon (2007), oferece um campo histórico que se consolida desde o século XVII até os dias atuais, a mesma representa a realidade, mas também pode conter a força que apresenta as relações sociais quanto aos sujeitos que a observam e desenvolvem suas produções de significações, já que essa significação não é transmitida nem encontrada de modo algum pronta. Nesse sentido, o texto não verbal dialoga com o verbal e o discurso, que é revestido de subsídios, constrói um determinado efeito de sentido.

2.1.5 Memória e Intericonicidade

A noção de memória convocada pela AD compreende que o sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime da repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser a origem daquele saber. Assim, a memória, neste domínio de conhecimento, é social. Pois, conforme Indursky (2011, p. 71), “são os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados”. A memória discursiva trata-se de uma memória coletiva implicando numa existência de diferentes tipos de discursos em meio a diferentes grupos sociais. Ou seja, dentro dos discursos de memória pessoal estão fatos coletivos, entrelaçados em experiências significativas responsáveis por, de alguma maneira, direcionar a compreensão. Courtine (1981), ao revisitar a Arqueologia do Saber de Foucault e dela retornar, traz para a AD a

noção de memória, e inspirado nas reflexões de Foucault sobre os enunciados. Ele entende que

toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos. (COURTINE, 1981, p. 52, *apud* INDURSKY, 2011, p. 72).

Courtine ainda acrescenta: “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos” (*Ibid.*, p. 53). Para o respectivo autor, importa observar como o trabalho da memória, no âmbito de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento dos elementos de saber quando são formulados pelo sujeito em seu discurso, como alguns sentidos cristalizados podem se transformar e tornarem-se outros. O lugar ocupado pelo sujeito e a forma particular de retorno do interdiscurso sobre o discurso – pelo viés do pré-construído e da articulação – entrarão em jogo nessa tensão firmada pela contradição histórica. Partindo dessa visão, compreende-se que “por meio de movimentos de intericonicidade, as imagens travam um embate com a memória, fazem deslizar a tradição e instauram outros sentidos” (GREGOLIN, 2008, p. 33).

É exatamente esse aspecto, a memória que é ativada por uma imagem, que levou Jean Jacques Courtine a formular o conceito de intericonicidade. Courtine, em entrevista a Milanez, sobre a formulação da intericonicidade, compreende que

[...] a intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault. Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo. Eu tenho a tendência de dar a essa noção de intericonicidade no momento uma extensão maior do que dei nos cursos dos quais você participou, quando me servia mais de colocar as imagens umas com as outras, da mesma maneira que o discurso é atravessado pelo interdiscurso. Acrescentaria ainda uma dimensão suplementar, indo de um lado mais antropológico para situar o indivíduo, o sujeito, não só como produtor, mas também como intérprete, e de certa maneira como suporte das imagens dessa cultura. (COURTINE *apud* MILANEZ, 2006, p. 169).

Conforme o autor, a imagem, nesse aspecto, não pode ser compreendida fora da sua cultura visual, pois, de acordo com Courtine (2008), toda imagem tem seu eco, ou seja, reflete uma outra imagem. Isto faz nos inserirmos não somente em um discurso atravessado pelo interdiscurso, mas também por elementos que situam o sujeito como conhecedor de imagens

já existentes. Assim como Courtine (2008), para a interpretação do texto imagético em seu retorno em novas condições, funciona o que Cazarin (2006, p. 306) chama de eco: “o retorno do mesmo no outro, atestando a incompletude de todo e qualquer discurso, tanto pela discursividade anterior como pela futura – o processo, que já vinha sendo discursivizado, gera efeitos de sentidos pontuais, mas também provoca nova discursividade”. Podemos dizer, portanto, que pela autoria, considerada a partir do lugar ocupado pelo sujeito, da posição por ele assumida em sua inscrição em uma formação discursiva, o retorno do já dito forma o discurso, como atualização e, portanto, com deslizamentos sejam estes maiores ou menores.

O lugar social em que o sujeito se inscreve “o lança em um processo histórico de interpretação e de disputa na produção de sentidos” (CAZARIN, 2006, p. 310). O jogo de forças nessa disputa e a forma de apropriação pelo sujeito autor é que determinarão a força do efeito autor. Se a fonte de sentidos possíveis e impossíveis está no interdiscurso, como espaço do dizer e do não dizer, convém lembrar que este é recortado pelas formações discursivas que trazem em si, em virtude da contradição histórica, processos de injunção e interdição: o não dito no dito. Nesse sentido, a historicidade constitui o discurso como retorno da história e como retorno à história. Costura da atualidade com a memória, o que faz a unidade do texto, sua amarra, é a memória discursiva contada, ou seja, um texto significa pela memória que fala nele e que ele, por sua vez, põe em funcionamento, atualizando-a. Tal argumentação ressalta a dependência da mensagem entre o texto imagético e o texto verbal, que advém do fato de a imagem ser modificada, particularizada pelo contexto situacional em que está sendo inserida.

2.2 Discurso Imagético: memória discursiva e os implícitos

A rede de memória, se nos reportarmos a Indursky (2011, p. 80), “funciona como pano de fundo, possibilitando que se perceba que houve um distanciamento em relação aos sentidos pré-construídos”, e que esse recuo possibilitou a instauração de novos sentidos. A rede de memória faz ressoar esse sentido e trabalha por trás desse deslizamento, fazendo o sentido primeiro reverberar por trás do novo sentido, produzindo-se, desse modo, o que Courtine (1981) designou de efeito de memória. Nessa perspectiva, as imagens também materializam outros discursos. E esse novo discurso coloca os sentidos à deriva, rumo a outras redes de memória.

Tanto os discursos imagéticos quanto os verbais podem ser ressignificados e certamente não se inscrevem na mesma FD. Ao se inscrever em outra FD, “tais sentidos podem ser questionados, polemizados, criticados e denunciados, eles deslizam e novos

sentidos se produzem pelo trabalho de determinação sócio-histórico” (INDURSKY, 2011, p. 85) dos sentidos sobre os sentidos. Se a matriz de sentidos se institui através do processo de repetibilidade, ela também impõe limites dessa repetição, pois a matriz de sentido estabelece o que pode e deve ser dito no interior de uma FD. Para Achard (1999), sob a noção de repetição, ocorre um efeito de série de onde decorre a regularização de determinados sentidos, a qual se institui pelo viés de diferentes funcionamentos discursivos de retomada: implícitos, remissões, efeitos de paráfrase, os quais evidenciam que “há repetições que fazem discurso” (COURTINE; MARANDIN, 1981, p. 28).

Todo elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente, é entendido como um pré-construído. De acordo com Pêcheux (1988, p. 164), “o pré-construído é o sempre já-lá da interpretação ideológica que fornece-impõe a realidade de seu sentido sob a forma da universalidade”. A memória, não somente contribui para a construção do redizer, como também transforma o que é dito em uma verdade absoluta. Sendo oficializada a imagem, a memória tem o caráter de registrar o que está sendo comunicado – uma memória que se materializa no discurso, nos textos, nas matérias. A utilização de diferentes materialidades significantes – verbal e imagética – nos discursos pode levar a uma tensão de disputas de interpretação suscitadas pela memória discursiva e pelos processos discursivo-interpretativos relacionados às especificidades das duas materialidades. Também na perspectiva do dissenso com o texto verbal, as imagens podem instaurar não uma interpretação contrária à do texto verbal, mas um paralelo, um outro campo de significação construído por intermédio dos operadores discursivos não verbais que tecem a textualidade da imagem como, por exemplo, cor, ângulo da câmera, elementos cênicos, luz etc. O discurso associado a outros sentidos, materializados verbal ou imageticamente, poderá contribuir para instaurar outras discursividades e construir outras memórias.

Nesse sentido, “a relação entre o plano verbal e o imagético, muitas vezes de dissenso, permite a ampliação de redes de sentidos que constroem, independentemente da sua tessitura, o acontecimento” (FERREIRA, 2011, p. 251), flagrando-o em sua dinamicidade, abrindo possibilidades e forjando novas formas de discursivizá-lo. Incompleto e aberto a novas interpretações, o acontecimento vai sendo filiado a sentidos já existentes, mas sempre permitindo que o novo irrompa e o complete. À análise do discurso cabe “explicitar as montagens, os arranjos sócio-históricos de constelação de enunciados” (PÊCHEUX, 2002, p. 60) que passam a organizar direções de sentido para o acontecimento. Para Santaella e Nöth (2005, p. 53), “a relação entre imagem e o seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto esclarecer a imagem na forma de um comentário”. A

palavra encontra-se inscrita na imagem, a mostrar a interligação de uma com a outra, fruto das intenções comunicativas que se revestem do poder de argumentação, de persuasão de quem produz o texto dado a sua função social.

Esse matiz aponta para uma espécie de ancoragem, desde que o texto (palavra) orienta o leitor pelos meandros dos significados da imagem ao mesmo tempo em que conduz esse mesmo leitor ao significado, aos efeitos de sentido, permitidos, desejados em detrimento de outros que, provavelmente, possa suscitar. Em decorrência disso, o leitor não busca um sentido imanente, posto no texto, mas sim, ele atribui sentidos que, numa perspectiva discursiva “não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2008, p. 58) que gerencia a materialização dos efeitos de sentido. Entende-se também que não há como examinar a construção de sentido sem remeter ao acontecimento histórico presente na memória discursiva, como um espaço possível de deslocamentos, de lutas e embates de forma que o já dito e o do já-significado possa irromper o novo acontecimento discursivo. Nesse intuito, pode-se perceber que “os efeitos de sentido são criados por um sujeito histórico e ideologicamente determinado a partir de um jogo argumentativo em que a palavra e a imagem convergem no sentido do Mesmo e do Outro” (GOMES, 2012, p. 64).

O discurso enquanto acontecimento “é uma produção de sentidos realizada por sujeitos sócio-históricos que, em um momento constroem enunciados a partir de redes de memória” (GREGOLIN, 2005, p. 26). Considerando que o discurso é estrutura e acontecimento, cujo histórico está indissociavelmente ligado aos implícitos, elipses, na falta e nas diversas formas marcadas da materialidade discursiva, Pêcheux (1990, p. 53) esclarece que

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que se pretende trabalhar à análise do discurso.

Considerando, pois, o discurso como acontecimento em práticas sócio-históricas, podemos compreender que o texto é tido como parte de um arquivo, como uma superfície discursiva e como efeito do interdiscurso, cujo sentido resulta de sua inserção na história. O interdiscurso remete como nos diz Orlandi, à memória do dizer, isto significa que tudo o que já foi dito inscreve-se no interdiscurso e, se isso ocorre é porque o interdiscurso constitui-se de um complexo de formações discursivas. É característico do interdiscurso reunir todos os

sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva.

No avesso do discurso, encontramos os não ditos. Enunciados que são pronunciados na subjacência do discurso, no interdiscurso. Ao escolher os enunciados ao invés de outros, o sujeito pretende deslocar um discurso e maquiá-lo seu sentido. Os enunciados que estão “silenciados” são os não ditos que, embora não apareçam claramente, têm raízes profundas no discurso, estão ali na confluência dos sentidos. O silêncio não significa um vazio, uma lacuna, ao contrário, poderíamos dizer que ele seria uma condição de produção do discurso, um pré-construído, um alicerce para a edificação dos discursos.

Assim, mediante as reflexões de Assis (2011), devemos tomar o discurso como um lugar de cruzamentos de silêncios, de ditos e não ditos, de palavras que são pronunciadas em sua subjacência, formando um confronto entre o que deve e o que não deve ser dito, mas que podemos detectar através da memória discursiva. Nesse sentido, Pêcheux relaciona a memória discursiva com o pré-construído, algo que já está implícito, um dispositivo que de forma automática é ativado no momento da leitura ou na própria enunciação. As imagens ilustram os discursos e funcionam como uma reafirmação do dizer, e é através delas que se procura criar no leitor uma reprodução do real e dos gestos de interpretação, bem como retomar o presente. Considerando a memória histórica, os discursos vão tomando características próprias de cada momento e lugar em que são produzidos. É pela memória discursiva, e através dela, que podemos utilizar os discursos que nos foram repassados das diversas maneiras possíveis, porque somos tomados por esquecimentos.

Foucault (1997) entende o conjunto de discursos no acontecimento discursivo e, através da história, sofrem transformações, possibilitando a irrupção de outros discursos. No entanto, se é verdade que os discursos constroem o sujeito e o sentido por uma imposição do exterior, é também verdade que os indivíduos vivem esses agenciamentos coletivos da subjetivação, reapropriando-se dos já-ditos fabricados culturalmente, para ressignificá-los.

Nesse sentido, iremos elucidar no próximo capítulo algumas reflexões sócio-históricoculturais no que condiz ao discurso do gênero charge, bem como a relação identitária dos gêneros masculino e feminino através da história e suas transformações discursivas na sociedade até os dias atuais.

3 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA E O PODER DA MASCULINIDADE: GÊNERO DISCURSIVO CHARGE E IDENTIDADE DE GÊNERO, EIS A INTERAÇÃO

A reconstituição de continuidades, de uma história adequada que liga o presente e o passado, caracteriza muitas sociedades em transição. Um passado inventado, sabiamente manipulado, não apenas “explica o presente”, mas também “molda o futuro”. (...) Mas não apenas em novos países ou comunidades isso acontece. Em várias nações antigas, identidades são desafiadas, definidas e redefinidas em diversos processos de inclusão ou exclusão (na nação) e outras transformações³.

Neste capítulo, faremos primeiro uma alusão ao estudo teórico da charge e, em seguida, discutiremos a respeito da identidade de gênero, sob perspectivas da historicidade e suas mudanças ocorridas ao longo do tempo, considerando alguns conceitos relevantes acerca de contribuições socioculturais, observando como o gênero feminino e masculino são representados socialmente: a mulher, por um lado, se apresenta como submissa ao marido, à família, aos valores impostos pela sociedade, mas, por outro lado, mostra-se heroína, corajosa, enfrenta dupla jornada, estuda, deixando de lado o que a sociedade impõe. Enquanto isso, o ser masculino se apresenta especialmente como poderoso, dominante, ou busca seguir um modelo em que o poder e dominação estão fortemente presentes, mas, ser homem não é somente isso, essas são as características marcantes.

3.1 Charge: discursividades midiáticas

O termo *gênero* é utilizado aqui como proposto por Bakhtin (1997), que o compreende como uma forma de dizer sociohistoricamente cristalizada, encontrada como texto empírico, materializado. Nesse sentido, os gêneros discursivos refletem a heterogeneidade dos vários discursos sociais. Pode-se constatar com Bakhtin (2003) que as condições de produção dos enunciados em gêneros do discurso determinam, em cada esfera de comunicação, tipos relativamente estáveis de enunciados que orientam a utilização da língua de acordo com os propósitos comunicativos dos interactantes.

Embora reconhecendo que os gêneros textuais/discursivos não constituam em objetivo para a análise do discurso de vertente francesa, considera-se que a charge é uma prática discursiva com estratégias próprias de produção de sentidos, especialmente em textos que

³ MELMAN, B. “Claiming the Nation’s Past: The Invention of an Anglo-Saxon Tradition”. **Journal of Contemporary History**, v. 26, n. 3-4 (Set., 1991), p. 575-595.

circulam na mídia seja em jornais, revistas, blogs entre outros, a charge desloca significados, institui um novo acontecimento e provoca o riso.

Enquanto dispositivo, o gênero charge revela a presença do sujeito no discurso, ao mesmo tempo em que constrói a identidade e a alteridade, articulando o “linguístico e o histórico, o discurso e o interdiscurso” (GREGOLIN, 2005, p. 24). O funcionamento linguístico-discursivo é responsável pelos efeitos de sentido nas charges e promovem, nas condições de produção que lhe são dadas, os deslocamentos de sentidos. Por esse motivo, a charge revela-se como um gênero discursivo cuja finalidade e uso, em determinadas esferas da comunicação, “é o espaço da falha e do desvelamento, construindo representações que se tornam constitutivas dos efeitos de sentido” (GOMES, 2012, p. 51).

As charges, por apresentarem o riso como representação característica para sua compreensão, exigem do leitor um conhecimento prévio, uma memória discursiva sobre o tema crítico que representa a inspiração do humor. Gomes (2012, p. 61), enfatiza que

as charges são construídas a partir de uma rede de outros discursos e, na mídia, produzem também os discursos e os sujeitos sociais, como resultado de múltiplas coerções, dispositivos e estratégias de produção, controle e distribuição dos discursos.

A mídia influencia, de certa forma, na circulação do gênero charge e pode ser vista como um dos meios de veiculação de maior repercussão entre as pessoas, provenientes porque as charges são divulgadas e encontradas diariamente nesse meio midiático – internet – em que as pessoas estão constantemente em interação. O espaço midiático é o lugar de produção e circulação de vários discursos.

De certo modo, a mídia tem um domínio sobre os indivíduos, têm um poder de convencimento, partindo de algum modo interativo em que chame a atenção dos leitores, permitindo que os mesmos não só observem os textos verbais que ali estão presentes, mas, que também olhem para o texto imagético e produzam a sua interpretação sobre o que está condizente com a repercussão dos argumentos.

Podemos ressaltar que as charges surgiram a partir da caricatura e possui fins específicos de criticar ou ironizar fatos ou situações reais. Nesse sentido, “a charge reflete os fatos e possibilita a formulação de denúncias, levando em conta o contexto histórico-social em que eles acontecem” (PEREIRA, 2006, p. 114). Assim, na perspectiva da Análise do Discurso, a memória não se resume apenas à faculdade de reter ideias, lembranças ou recordações. Somos constituídos por uma memória discursiva, um campo em que se encontram todas as nossas regras morais e éticas, e depois, discursivizadas.

No Brasil, de acordo com Oliveira (2001), as charges surgiram através da fusão da caricatura com a sátira, entre meados do final do século XVIII e início do século XIX. Inicialmente, ganhou espaços nos jornais, e aos poucos foi constituindo-se matéria; hoje, está presente diariamente no meio social e aparece relacionada às outras sessões do próprio jornal. As charges, atualmente, não se apresentam somente nos jornais, mas em quase todos os meios midiáticos e/ou veículos de comunicação e interação social.

É pertinente salientar que a linguagem da charge está em constante comunicação com a notícia, alimentando-se sempre do novo, dos acontecimentos sociais que nos rodeiam diariamente. O leitor das charges precisa estar bem informado acerca do tema abordado, já que elas são baseadas em textos já existentes, por isso, se não tivermos conhecimento da sua existência, não a entenderemos.

O gênero discursivo charge é articulado na sua composição pela integração das linguagens verbais e não verbais, a construção dos sentidos nas charges é formulada entre o que é dito e o não dito, veiculado pelo entrecruzamento de discursos. Concebemos, portanto, o discurso humorístico da charge como acontecimento discursivo, cujo espaço material é o interdiscurso, como uma forma peculiar de ressignificação depositada na memória coletiva pelos meios diversos de comunicação, que detém o poder/saber e os inserem em outras cadeias simbólicas de enunciados. Para ser compreendida e provocar o riso, a charge exige um conhecimento prévio do fato que a inspirou, ou seja, de uma memória que represente um fato legitimado por uma determinada formação discursiva, caracterizando-se como um pré-construído, como um sempre já-dito e concomitantemente confundido com o discurso verdadeiro. Oliveira (2001, p. 268) afirma que “nem todo leitor decifra com facilidade as mensagens contidas nas charges, pois há que se ter um conhecimento do fato que as originou”.

Pode-se constatar que no discurso das charges não apenas o texto verbal deve ser remetido às suas condições de produção, o texto não verbal, por ter o seu sentido construído a partir de outros discursos, produz efeitos de sentidos que determinam diferentes formas de interpretação por ter suas imagens inscritas também na ampla rede discursiva de saberes, em determinadas formações discursivas. De certo modo, podemos contextualizar que, na sociedade contemporânea, o digital (a língua, de acordo com Pêcheux) é parte das condições de existência dos objetos no desdobramento das discursividades, em uma conjuntura dada.

Resta dizer que as tecnologias transformam os homens, mas eles continuam responsáveis por si. Pois a técnica não faz a história, por si, ela altera a maneira como se faz história. Por outro lado, há diferentes formas de

resistência, que continuam se constituindo desde que se considere a relação entre história, sujeito e linguagem. (ORLANDI, 2017, p. 331).

Ninguém em nossa sociedade atual está imune ao poder da mídia. Ela integra nosso cotidiano, influencia nossos hábitos e atitudes e nos oferece a toda hora, uma gama de identidades com as quais podemos ou não nos identificar. Em nossa sociedade midiática, capitalista, somos “consumidores de identidades” ofertadas pela mídia, propiciando aos sujeitos, um efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2001, p. 75).

Pode-se afirmar que o discurso é sempre efeito de sentido, cuja fonte não é o mundo real nem o sujeito. Mesmo quando traços desse mundo real e representações dos sujeitos são refletidos, eles os constroem com base em uma memória histórica e social. O humor irrompe, no gênero charge, especialmente, da relação entre língua e história, como uma ruptura, uma quebra/inversão, uma contradição na ordem estabelecida pelo saber/poder, articulados pelos diversos meios de comunicação. Segundo Possenti (2004), uma das características do humor é o desvio do esperado, utilizado estrategicamente por um sujeito que conhece os mecanismos da língua e em determinadas condições de produção articula sentidos, como uma forma de questionar aquilo que é silenciosamente assumido como verdade na memória social e coletiva, e estrategicamente recalcados, ou pouco evidenciados em outros domínios institucionais, especialmente na mídia impressa.

Nos discursos de identidade, o outro tem lugar específico, imaginado, tanto quanto o “eu” é imaginado. E, na ausência do conhecimento da coisa, imagina-se, presume-se, rende-se. Os discursos de identidade, amplificados e disseminados pela mídia, ajudam a montar a carga simbólica de definição das fronteiras de vínculo e pertencimento das figuras de identidade. A mídia, em geral, pode se tornar a origem da maneira como pensamos sobre nós mesmos. Mas os discursos identitários de origem não servem apenas para designar quem se é. Eles atuam igualmente para definir quem são os outros. Davis e Gandy (1999, p. 367)⁴ nos faz refletir que “o processo de formação da identidade é complexo. É formado nas interações cotidianas e nos desafios que cada indivíduo encara no seu dia a dia”.

Os textos culturais ligados à identidade são produzidos em geral no contexto de experiências significativas da vida cotidiana e, integrados a uma memória, passam a fazer parte das representações do “eu”. Assim, dentro das narrativas de memória pessoal estão fatos coletivos, entrelaçados em experiências significativas responsáveis por, de alguma maneira, direcionar a compreensão. No capitalismo midiático, a mercadoria transformada em uma

⁴ DAVIS, J.; GANDY, O. “Racial Identity and Media Orientation”. **Journal of Black Studies**, v. 29, n.3 (jan., 1999), p. 367-397.

imagem de consumo torna-se uma espécie de variável reguladora das ações sociais. Constituir-se como sujeito não é uma escolha livre do indivíduo que decide ter essa ou aquela identidade. Para Deleuze (1992), a sociedade midiática é uma sociedade de controle.

Essa sociedade aperfeiçoou as técnicas de controle, que agem quase despercebidas, de modo bastante natural, de maneira sutil, em alguns meios discursivos como nas charges, por exemplo. Mesmo esse gênero discursivo tendo como principal característica o humor, o riso, a satirização, ele de forma sutil tenta controlar a sociedade, abrindo espaço para a espetacularização da identidade de gênero (PEREIRA, BARACUHY, 2013); as charges politizam como deveriam os sujeitos apresentar-se à sociedade, como tais sujeitos devem comportar-se mediante as exigências sociais, principalmente no que diz respeito a ser um homem forte, viril, dominante *versus* ser um homem vaidoso, estiloso, que se preocupa com a aparência. Igualmente, as charges explicitam o que é ser homem e o que é ser mulher, qual o espaço de cada um na sociedade, a posição de dominante e dominado.

“Assim como se modificam historicamente as condições concretas de produção social, política e econômica dos corpos, mudam-se de forma igualmente histórica as condições da sua estetização” (BARACUHY; PEREIRA, 2013, p. 329). É notório observar que não é o corpo que muda ao longo do tempo, mas sim o nosso olhar/discurso sobre ele. O século XX foi muito rico em diversidade estética, fazendo acontecer desfiles nas passarelas da mídia: sucessivas modas, variados padrões corporais e também recorrências tecnológicas, muitas delas de produção e modelagem dos corpos segundo uma estética corporal que se modifica historicamente.

De certo modo, o advento tecnológico, bem como a ‘facilitação’ do acesso à rede mundial – a Internet –, provocou uma série de modificações no uso da linguagem, de modo específico, mudanças nas práticas de produção e recepção textuais, além disso, surgiram novas formas de textualização que necessitam ser analisadas com mais minúcia no que concerne à produção de sentidos e às relações dialógicas intersubjetivas. Como bem entendemos, os gêneros textuais também refletem os tipos de relação entre os indivíduos. Essas relações sociais dizem respeito às conexões e entrelaçamentos interpessoais. Nesse panorama, Meurer (2002, p. 28) argumenta:

Descrever e explicar os gêneros textuais relativamente às representações, relações sociais e identidades neles embutidas poderá servir para evidenciar que, no discurso, e através dele, os indivíduos produzem, ou desafiam as estruturas e as práticas sociais onde se inserem.

Assim sendo, as características presentes nos textos, sejam eles orais ou escritos, refletem as identidades e as relações sociais que estão inseridos nos eventos comunicativos, fazendo com que se perceba o discurso a que pertence. Nesse embasamento, explicitamos no tópico seguinte como é apresentada a noção de identidade de gênero e como é visto tal conceito, assim como a relação de dominação e a imagem do corpo mediante a sexualidade.

3.2 A representatividade feminina e o poder da masculinidade

Os processos de construção das interações de gênero e de poder quanto ao papel da feminilidade e da masculinidade⁵ permeiam, de acordo com os construtos teóricos de Mattos

⁵ Verbetes no *Dicionário da Crítica Feminista*, org. Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral. Porto: Afrontamento, p. 122-123.

Masculinidade: O conceito de <<masculinidade>> reporta-se a uma área de pesquisa social iniciada no mundo anglo saxônico. Uma discussão dos termos disponíveis na língua portuguesa que permita refletir sobre este conceito pressupõe uma enumeração inicial dos termos ingleses. São eles: *Man*, *man/ men/ men's studies*, *manhood*, *male*, *masculinity*, *gay/ gay studies*, *queer/ queer studies* [ver **Estudos masculinos; Teoria Queer**]. O equivalente português de «Man» é «Homem», colocando ao termo um problema definicional e político semelhante: a sobreposição entre o macho da espécie e a espécie, no que é um claro exemplo de assimetria simbólica. Quanto a «man/ men/ men's studies», o carácter polissémico de «homem/ homens» é idêntico nas duas línguas: a sobreposição entre as características biológicas ao nível do dimorfismo sexual e a identidade de gênero. Daí a necessidade de em português se utilizar *masculinidade*, delimitando assim os atributos culturalmente específicos do facto de se deter uma identidade social baseada numa construção social da natureza que define como pertinente a separação dos seres humanos em duas metades, com base no dimorfismo sexual e ilidindo as situações ambíguas ou intermédias a esse nível. A questão é, aliás, mais simples de resolver em português, uma vez que em inglês *masculinity* teve de ser imposto como termo alternativo a *manhood*, termo com uma ambiguidade semântica sem equivalente na nossa língua. Por outro lado, a utilização de *masculinidade* vai englobar não só *masculinity* mas também *men's studies*, cuja tradução literal em português (*estudos de sobre homens*) deverá, por razões teóricas, ser substituída por *estudos sobre masculinidade*. *Men's studies* foi a alternativa encontrada para criar simetria em relação a *women's studies* (*estudos de mulheres*), mas tanto um como outro são termos infelizes, pois situam o género no sexo, numa perspectiva de construcionismo social primário que vê o género como elaboração cultural de um suposto sexo natural, descurando assim a análise da construção social da própria noção de sexo. Quanto a *male*, uma tradução incauta conduzir-nos-ia a *macho*. Mas, em português, *macho* aplica-se – nos termos das convenções culturais contemporâneas da nossa língua – sobretudo a animais não-humanos ou como termo valorativo em certos contextos (o mesmo se passando, aliás, em inglês, com a expressão *macho man*, devido à importação, do castelhano, do termo *macho*). Tal como nos casos referentes ao campo homossexual abordados adiante, é de bom senso manter uma diferenciação entre os termos encontrados no terreno e os termos usados na definição de campos académicos. *Masculinidade* é, então, o termo que cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o género e a sexualidade, se reporta a significados culturais da «pessoa», que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos «homens», são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, ao nível etnográfico, expressões como «mulhermasculina», «gestos masculinos», «valores masculinos», «símbolos masculinos», etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos. Os estudos sobre a masculinidade incluem necessariamente a vertente da orientação sexual, uma vez que o trinómio heterossexualidade/homossexualidade/ bissexualidade constitui desde logo o fermento de diferentes masculinidades (que podem identificar-se em virtude de outras variáveis também, tais como as de classe, estatuto, raça, etnicidade, etc.), organizadas em sistemas tensos de hegemonia/ subalternidade [ver Homossexualidade; Bissexualidade]. Em termos académicos dois termos colocam por vezes problemas: *gay/ gay studies* e *queer/ queer studies*. *Gay* é o termo inglês (curiosamente de origem latina) proposto pelo movimento social dos direitos dos homossexuais em contextos anglo-saxónicos como alternativa para «homossexual». Trata-se de contrapor à definição sexo lógica restrita uma definição (na realidade uma auto definição) aberta e valorada positivamente do ponto de vista

(2011), os atos restritivos do corpo e da conduta indicando que este corpo foi reduzido à parte do ambiente sendo transformado em objeto de poder e de manipulação tanto em sua forma quanto em seu lugar. Bourdieu (2002) nos permite compreender que a dominação masculina contra as mulheres não repousa somente na violência física ou econômica, mas na violência simbólica e tem como resultado o fato de “as pessoas terem na cabeça princípios e percepções, maneiras de ver que são produtos da relação de dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 49). De acordo com o mesmo, “a violência simbólica não opera na ordem das intenções conscientes” (BOURDIEU, 1999, p. 74).

A partir da apresentação de dicotomias presentes nas políticas de gênero como masculino/feminino, homem/mulher, são misturadas algumas concepções distintas de gênero, sexualidade e sexo biológico. Nesse sentido, em recente relatório de pesquisa (MATTOS; CASTRO; ALMEIDA, 2011) tomando como fonte principal os conceitos originários dos estudos de Raewyn Connell, os estudos dos gêneros foram compreendidos da seguinte forma:

Connell em seus estudos conceitua gênero de modo a auxiliar pesquisadores que buscam uma significação mais ampla para o termo no que se refere ao seu uso para interpretar as diferentes formas de construção das masculinidades e feminilidades. Estas, são vistas, simultaneamente, posições nas relações de gênero, nas práticas pelas quais homens e mulheres assumem essa posição, assim como os efeitos dessas práticas no corpo, personalidade e cultura (CONNELL, 1995, p. 71). Gênero, nesse sentido, é compreendido como “a estrutura das relações sociais que centra-se na arena reprodutiva, bem como no conjunto de práticas (regidas por esta estrutura) que fazem distinções reprodutivas entre os corpos nos processos sociais” (CONNELL, 2002, p. 10). De acordo com a teoria de Connell a ordem de gênero são arranjos convencionais de variações dos padrões e diversidades de composições de gênero nas sociedades contemporâneas, em especial nas metrópoles, que levam a interpretação de gênero, como “uma forma de ordenação política e social guiadas por estruturas de relações sociais de gênero” (CONNELL, 2002, p. 3). Para a autora essas estruturas geralmente, parecem ‘imutáveis’, mas, elas são sempre mutáveis e que quando práticas humanas criam novas situações estas estruturas desenvolvem tendências a crises. Connell destaca as seguintes estruturas de gênero: 1) Relações de poder que podem ser evidenciadas nas instituições e no discurso de afirmação dessas relações de poder do homem sobre a mulher; 2) Relações produtivas, que se evidenciam através de valores, hábitos e da divisão de

cultural. O carácter globalizado do movimento gay e o compromisso crítico dos estudos gay (coevos e aliados dos estudos feministas) levam-nos a aceitar o termo inglês. O suposto colonialismo subjacente a esta escolha pode ser temperado pela sua origem subalterna e a sua fermentação transnacional. Quanto a queer – termo proposto recentemente por uma corrente política e académica apostada na radicalização identitária e não na integração –, trata-se da reapropriação de um termo insultuoso pelos próprios insultados. Pelas mesmas razões que gay, deve ser mantido no original – a tradução por um termo do calão português retirar-lhe-ia contexto e nacionalizaria algo que vem de um movimento inerentemente transnacional.

Bibliografia

CONNELL, Robert, W. *Masculinities*, Londres: Polity Press, 1995.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa: Fim de Século, 1995.

trabalho; 3) Relações emocionais e simbólicas que se evidenciam pelo apego, emoção, vida conjugal e no conjunto de regras de atribuição de gênero. Embora fora deste quadro estrutural, Connell não esquece a dimensão histórica e inclui em suas teorias a dimensão de gênero como história. (MATTOS; CASTRO; ALMEIDA, 2011, p. 14).

O gênero enquanto conceito foi desenvolvido pela teoria feminista nas décadas de 1970 e 1980, sendo rediscutido por Joan Scott. Segundo a referida autora, “no seu uso mais recente, o ‘gênero’ parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1989, p.72). Este conceito, portanto, aponta para um sistema de relações de poder determinados por contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, sendo assim construído historicamente e, portanto, variável e mutável (PEREIRA, 2016). As relações sociais, quando observadas sob os vieses de conceitos como espaço social, capital, campo e entre outros, percebemos que tais conceitos se relacionam diretamente com as relações sociais entre os sexos, fortemente balizadas pela lógica pautada na “dominação masculina”, o que contribuiu com as compreensões da necessidade de superação das diferenciações entre homens e mulheres. Connell (1997, *apud* MATTOS; ALMEIDA, 2011, p. 236) “define masculinidades como configurações de práticas sociais que se referem a corpos masculinos, estando elas tanto relacionadas à ordem simbólica e institucional como aos aspectos individuais dos sujeitos inseridos na sociedade”.

A condição feminina, historicamente, tem sido associada às desigualdades sociais, mas é nas relações de poder que estas desigualdades são mais marcantes. Em suma, o conceito de gênero, rediscutido por Scott (1990), refere-se a um sistema de relações de poder baseadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens. Carvalho (2004, p. 36) expõe que

homens e mulheres são produtos de relações sociais, históricas e culturais, num contexto em que se aprende não um único “papel sexual”, mas convivem múltiplas masculinidades e feminilidades articuladas por relações de poder e perpassadas por outras relações sociais como as desigualdades de classe e raça.

Esse discurso, no entanto, ancora-se na crescente competitividade que vem se acirrando entre homens e mulheres especificamente no mundo dos negócios, apresentando-se como um argumento a favor da igualdade, o que não apaga a ideia de competitividade entre os sujeitos do gênero oposto. O que ainda precisa ser destacado é que ambas as diferenças existem paralelamente ao trabalho da produção, implicando num movimento de construção simbólica

e discursiva, que no olhar de Silva (2000) são frutos de uma relação social, que possui um vínculo estreito com o poder. Contudo, no que concerne ao conceito de identidade, esta é, pois, uma construção simbólica e imaginada, pois, na tessitura dos discursos, reserva-se um lugar de unidade e de pertencimento e um lugar de reconhecimento de diferenças.

Silva (2000) expõe que é no interior de práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas que as identidades emergem. A identidade de gênero, nesse sentido, é construída na prática discursiva da mídia resultante de uma relação sempre descontínua entre o discurso e a história, prevalecendo, na verdade, a identidade como prática de subjetivação que estão em constante mutação.

A representação acerca do papel do homem e da mulher na sociedade é multifacetada, porque compreende diversos significados, versões múltiplas e apropriações contraditórias, similares ou complementares. Connell (1995) trabalha com a noção de “múltiplas masculinidades”, em que estas são hierarquizadas a partir de relações de poder e que no centro delas existe uma “masculinidade hegemônica”, que se manifesta como um conjunto de práticas e valores que tem a função de garantir a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. Na sociedade pós-moderna, o processo de produção identitária que se materializa em determinadas práticas discursivas parece apostar não necessariamente na inversão de papéis, mas pelo menos nas mudanças na identidade masculina em função das transformações no tradicional papel feminino. Em relação à identidade feminina, Navarro-Barbosa (2010) em seu artigo intitulado “O sentido nas malhas do discurso”, ressalta que as diferentes práticas discursivas identitárias que emergem na mídia procuram propor uma representação da mulher por meio da retomada e do deslocamento do arquivo que, ao longo do tempo, foi se constituindo sobre o que é ser mulher na sociedade atual.

No que tange à relação entre a mídia e a identidade, a repetição e multiplicação de imagens orientam os sujeitos a desejarem um saber que lhes possibilite moldar o seu corpo a um determinado padrão de beleza. Para tanto, a imagem desempenha um papel importante, uma vez que possibilita a agregação de uma comunidade de olhares e coloca possíveis leitores ou espectadores diante de um mesmo ponto de vista. Foucault (1998, p. 180) sentencia que “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”. Nesse contexto, consideramos que o poder dissemina-se na microfísica da vida cotidiana, nas várias práticas discursivas, sejam elas de natureza primária ou secundária, conforme distingue Bakhtin (1997).

O poder é exercido na ordem dos discursos que organizam a vida na sociedade, neste caso, o poder forma um saber sobre as identidades. As relações objetivas de poder tendem a se reproduzir nas relações de poder simbólico. Os agentes fazem uso do capital simbólico adquirido na busca da produção do senso comum. O capital simbólico confere poder ao agente possuidor, sendo aquele invisível e exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (PEREIRA, 2016).

Na perspectiva de Bourdieu (1997), as relações sociais entre os sexos são exercidas a partir de uma lógica pautada na “dominação masculina”, que se insere no âmbito do poder simbólico, sendo esta uma forma de violência simbólica, configurando-se como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22). As diferenças entre sexo e gênero integra um “conjunto de oposições”, sendo “o corpo masculino e o feminino balizado especificamente pelas diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais, sendo vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Esta divisão entre o masculino e feminino, apesar de ser abordada como algo natural, tem sua instituição nas relações sociais.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas e percepções, de pensamento e ação (BOURDIEU, 2012, p. 17).

Dessa forma, a ordem social vem funcionar no sentido de ratificar a dominação masculina. No processo de socialização é que se constroem as estruturas objetivas e subjetivas (divisão e visão, respectivamente), conformando os papéis do ser homem e do ser mulher, porém sendo estes percebidos como manifestações naturais na relação entre o indivíduo e a sociedade.

Segundo Bourdieu (2012), uma mudança importante é que a dominação masculina não é mais algo indiscutível, enfatizando a relevância dos trabalhos críticos realizados pelas feministas, e neste ínterim, as transformações ocorridas no que concerne ao aumento do acesso à educação (secundário e superior) e ao trabalho assalariado, com o acesso âmbito público, ao distanciamento das atividades domésticas, às funções reprodutivas, e ao adiamento da idade do casamento e da procriação. Nesse contexto, percebemos mudanças que

refletem o acesso das mulheres a escolarização, a independência econômica e as transformações das estruturas familiares. Com isso, percebemos identidades transitórias, flexíveis e, portanto, não rígidas, que a contemporaneidade passa a suscitar e a estimular cada vez mais como uma necessidade. As ideias de força e vigor eram tão acalentadas que muitos advogavam a necessidade também de as mulheres a elas se adequarem, de modo a poderem procriar prole sadia e vigorosa. Isso não impedia, entretanto, que rígidas distinções entre os sexos estivessem sempre presentes. Os esportes, aprovados para todo o corpo da nação, no caso das mulheres, deveriam enfatizar a graça do sexo frágil.

Oliveira (2004, p. 21) argumenta que “durante os processos de transição histórica sempre existem aspectos ou características das formações sociais precedentes que permanecem na nova configuração”, ainda que modificados ou reformulados. Sendo assim, pensando no contexto da representatividade masculina, essas transformações não são diferentes quando observado os contrastes entre o modelo do homem moderno e seu correspondente medieval em que percebemos mudanças em aspectos importantes nos processos de sociabilidade.

3.3 Gênero/Masculinidade: da história à contemporaneidade

Oliveira (2004), em seu livro intitulado “A construção social da masculinidade”, apresenta o seguinte fragmento histórico: “A palavra “masculinidade”, derivada do termo latino *masculinus*, começou a ser utilizada apenas em meados do século XVIII, no momento em que se realizava uma série de esforços científicos no intuito de estabelecer critérios mais explícitos de diferenciação entre os sexos”⁶ (PETERSEN, 1998, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 13). Para que possamos falar de masculinidade é de extrema importância que apresentemos uma definição mesmo que provisória, pois tentar definir uma ou várias masculinidades é uma tarefa sem muitos caminhos, já que ela existe como ideologias ou fantasias variadas. Arriscaria, portanto, dizer que a masculinidade “é um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação” (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Os inúmeros aspectos e mudanças socioestruturais têm uma importância capital para a desestabilização de algumas certezas que afetam aquilo que consideramos como o ideal moderno de masculinidade, face mais tangível desse estrato ou lugar simbólico. Nesse

⁶ PETERSEN, Alan. Unmasking the masculine. Men and identity in a sceptical age. London: Sage Publications, 1998. p. 42. In: OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, p. 13)

ínterim, percebemos que a masculinidade na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius* (PEREIRA, 2016), apresenta-se como uma representação social, um construto ideal culturalmente elaborado que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados. Durante o processo de transição entre os dois tipos de sociedade (medieval e moderna), transformam-se as expressões públicas de emoções que passam por redefinições amplas, no caso da masculinidade, é possível a verificação da permanência de características e valores masculinos medievais juntamente com o acréscimo de particularidades modernas.

Segundo Oliveira (2004, p. 23), “o ideal de masculinidade estava ligado ao comportamento que mantivesse compromisso com alguns valores cruciais, tais como lealdade, probidade, coragem, perseverança, bravura e sobriedade”. Características comportamentais como coragem e bravura, por exemplo, serão progressivamente destituídas de seu caráter de violência explícita, ao mesmo tempo em que se formatarão a partir de firmes contornos estipulados por imperativos morais essenciais. O referido autor compreende que a masculinidade medieval estava ligada diretamente ao sacrifício, a uma renúncia que levava à purificação pessoal. Se a masculinidade se constitui e se articula no *socius* como lugar simbólico, necessariamente emerge como espaço imaginário de sentido estruturante para os processos de subjetivação dos agentes e pode estimular atitudes sacrificiais como a morte.

A capacidade de suportar os flagelos da guerra, como dor, fome, frio, mutilações, encarando impassivelmente a concreta possibilidade da morte, só poderia ser mantida se estivesse presente a ideia de que o verdadeiro homem viril era aquele que colocasse sua força de resistência a serviço de uma causa de maior valor, realizando um acoplamento entre o agente e o *socius*, através da identificação do varão com os mais altos ideais sociais (OLIVEIRA, 2004, p. 31).

Ainda de acordo com o referido autor, “esse elemento sacrificial e a ideia de entrega de si ao corpo da nação radicalizaram-se nos movimentos políticos de caráter messiânico que surgiram na primeira metade do século XX na Europa” (OLIVEIRA, 2004, p. 31). A coragem e a bravura só poderiam ser desenvolvidas se o corpo masculino fosse visto como um campo de instalação da força de vontade baseado na vontade de potência, de resistência. Assim, Falconnet e Lefaucheur (1975, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 35) enfatizam que

Para se sair de uma situação difícil, de uma crise, é necessário se valer de um verdadeiro chefe, isto é, de alguém que seja capaz de impor suas ideias, de conduzir uma massa e de fazer as escolhas decisivas no interesse da comunidade. Se a virilidade é um valor do qual se pode prescindir em uma sociedade evoluída e pacificada, quando tudo vai bem, ela é necessária à sobrevivência da nação ou da espécie em caso de crise. (FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1975, p. 49, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 35).

Nos momentos de crise e de turbulências na tessitura social, o *socius*, através dos agentes que ele constitui e que o constituem, pode enfatizar o enaltecimento dos modelos viris que são divinizados, senha para a liberação de movimentos trágicos e monstruosos. Observa-se, portanto, que no período moderno, durante momentos de crise social, instigadora de caráter político ou religioso, ocorre um recrudescimento e renovada supervalorização de ideais constitutivos de masculinidade mítica. Mantendo-se no nível da representação suscitada pelas imagens de gênero, a literatura produzida para a leitura das massas pela máquina de guerra revolucionária baseava-se em narrativas bastante convencionais, repletas de caricaturas nas quais os estereótipos masculinos e femininos melhoravam: “homens rijos, com postura ereta e olhar petrificado” (MOSSE, 1996, p. 130).

Se a agressividade é algo latente no nacionalismo, a moderação, o comedimento e o raciocínio são mais convenientes junto ao seio da família em tempos de serenidade. Isso, no entanto, não quer dizer que os dois conjuntos de características não possam conviver e estar presentes no mesmo momento e espaço de sociabilidade. Ainda que aparentemente antagônicas, as características que unem o guerreiro heroico ao homem comedido e sereno, protótipo do laborioso pai de família, não são excludentes e impossíveis de ser cultivadas simultaneamente. O entrelaçamento dessas características juntas forma o alicerce do ideal moderno de masculinidade. Outras características como disposição para o trabalho, modéstia e perseverança logo passaram a ser cultivadas e associadas a uma masculinidade digna desse nome. Ao lado do ideal do soldado, por exemplo, se juntara o ideal do trabalhador, do produtor de mercadorias e provedor: disciplinado, industrioso, responsável.

A masculinidade patenteou-se na modernidade como símbolo de um ideal de permanência, que mantinha a vida social, a família e todas as tradições contra a loucura e o ritmo infernal das mudanças típicas da sociedade industrial. Se durante os períodos de turbulência social era comum o surgimento de movimentos com caráter reacionário e conservador, de cunho político e/ou religioso, que realçavam os atributos da masculinidade, agora, mesmo nos períodos pacificados crescia, com a ascensão dos valores burgueses, o enaltecimento do ideal masculino ao lado do recrudescimento dos preconceitos e intolerância contra aqueles que não se enquadravam no modelo masculino socialmente sancionado. (OLIVEIRA, 2004, p. 48).

“A contenção, a moderação, o autocontrole eram tidos como fundamentais tanto para a vida familiar quanto para os futuros chefes de família”, de acordo com as argumentações de Pedro Paulo Oliveira (2004, p. 49). A assimetria de poder na família (SACRAMENTO; RODRIGUES, 2011) era reforçada pela disposição da nova ordem em promover uma

separação total entre homens e mulheres: pensava-se na época que quanto mais feminina a mulher e mais masculino o homem, mais saudáveis a sociedade e o Estado.

A família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações. (...) Ela é o sujeito principal das estratégias de reprodução. (BOURDIEU, 1996a, p. 130-131, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 53).

Para o ideal moderno masculino, a constituição de uma família tinha a função de afastar dúvidas em relação ao noivo quanto a uma possível orientação sexual pervertida. No caso masculino, a prática sexual entre homens sempre fora tida como algo não natural e representava uma ameaça à família e ao casamento (OLIVEIRA, 2004). Na constante preocupação para transformar um garoto em um homem, o medo da imaturidade contava menos que o temor da afeminação, que só seria rechaçada com a aquisição de um certo padrão físico e através de uma adequação moral, que deveria culminar com a consagração do casamento. Para muitos, os maus hábitos estavam na raiz de problemas psíquicos, de comportamentos tidos por eles como desviantes e degenerativos. Atualmente, a homo orientação, na sua condição de contratipo ao ideal masculino, é vista de maneira pouco amistosa.

Vemos, pois, que a dominação masculina hoje é discutida e questionada em outros discursos e práticas. Daí percebermos que já não se assegura mais uma identidade única para o homem e outra para a mulher, pois é comum se colocar que comportamentos que não fossem próprios do gênero masculino como superioridade, força, virilidade, ou seja, tudo o que não se aproxima de uma ideia de “macho” corresponderia à natureza do feminino que consequentemente viria a desqualificá-la colocando-a apenas em lugar com espaços para sensibilidade, afetividade, maternidade e fraqueza.

Para os homens, o grupo é o foco da vida social e a matriz de referência. Estar entre homens – no bar, nos esportes, no trabalho – é compartilhar do atributo coletivo “masculinidade” sem se defrontar com questionamentos ou entraves individuais a respeito do que seja ‘ser masculino’ (VILELA, 1998, p. 134).

Mediante essa discussão, Oliveira (2004) compreende que pelo viés esportivo a masculinidade se estendia por todo o corpo social enquanto valor e símbolo consagrado, ultrapassando barreiras e diferenças que poderiam limitar a hegemonia e homogeneidade de sua valorização. A beleza de um corpo masculino robusto era indício de valor moral, pois o

corpo atlético simbolizava ao mesmo tempo coragem máscula unida aos bons princípios morais. O esporte contemporâneo exprime a naturalização do vínculo entre masculinidade e poder social, transformando o corpo masculino num “agente hegemônico ativo do capitalismo patriarcal”.⁷

A publicidade, por exemplo, dirigida à venda de acessórios esportivos, normalmente explora a vinculação das características dos produtos aos atributos reconhecidos pelo senso comum como essencialmente masculinos. Quando busca tornar viril um certo produto, tal como um desodorante, loção de barbear, cigarros ou bebidas, apela-se para ambientes ou símbolos masculinos associados às atividades esportivas. (...) essas conexões e a imbricação dessas diferentes esferas (esportes, ciência, mídia, mercado etc.) conservam e valorizam os ideais societários de uma civilização capitalista, que inculca diariamente todos esses modelos e transforma o território do mundo social numa grande arena de competição onde os melhores, os grandes esportistas, os efetivamente masculinos são os vencedores, aqueles que triunfam nas batalhas cotidianas do consumo e da produção. (OLIVEIRA, 2004, p. 65).

No consumismo⁸, a vida social dos agentes, que podem dele se valer, deve ser orientada pela sedução e por desejos, jamais pela fixidez de normas organizadas e mantidas por instituições cheias de valores normativos, baseadas numa moral que impeça o fruir livre das sensações e impressões.

A masculinidade, na qualidade de lugar simbólico de sentido estruturante, impõe aos agentes masculinos uma série de comportamentos e atitudes imbricados com valores tradicionais capazes de manter uma taxa de conversibilidade entre ela e o poder simbólico, de tal forma que permita aos homens reatualizar todas aquelas qualificações típicas de quem é digno, segundo esses valores, de possuir as prerrogativas de poder frente às mulheres e aos outros homens que não estão à altura de cumprir suas exigências e provar sua competência enquanto reprodutores do regime de gênero mediante a adoção dos comportamentos qualificados com tipicamente masculinos. (OLIVEIRA, 2004, p. 195-196).

Essa vertigem pós-moderna acarreta consequências diretas para a desestabilização do ideal moderno de masculinidade, basta pensarmos em alguns apelos publicitários veiculados a favor de algumas indústrias, como a indústria do *fitness*, por exemplo. A indústria do *fitness* transformou-se num filão considerável para alguns empreendedores capitalistas. O corpo,

⁷ FISKE, John. *Television culture*. New York: Methuen, 1987. p. 248.

⁸ O **consumismo** é uma compulsão que leva o indivíduo a comprar de forma ilimitada e sem necessidade bens, mercadorias e/ou serviços. Ele se deixa influenciar excessivamente pela mídia, o que é comum em um sistema dominado pelas preocupações de ordem material, na qual os apelos do capitalismo calam fundo na mente humana. Não é à toa que o universo contemporâneo no qual habitamos é conhecido como “sociedade de consumo”.

Cf. SANTANA, Ana Lúcia. **Consumismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/consumismo>. Acesso em: 17/03/2019.

mais do que nunca, se transforma num *merchandising* pessoal. No que corresponde aos homens,

o cuidado com o corpo atende não apenas a necessidade de se mostrar másculo e forte (caso mais frequente entre os homens das camadas populares), mas, antes de tudo, almeja o desenvolvimento do corpo esbelto, atraente, desfrutável, pronto para uma jornada de prazer, aproximando-se assim do estereótipo ‘homem objeto’, reforçado pelos estímulos contínuos promovidos pelas imagens da mídia e por modelos e atores que se transformam em padrão fenotípico para muitos homens das camadas médias e altas. (OLIVEIRA, 2004, p. 121).

As chamadas “políticas de identidade” são todas pautadas pela possibilidade do consumo. Não precisam mais reivindicar um processo de emancipação, porque não existe mais nenhuma identidade estável a ser emancipada. No caso das elites as identidades de gênero tendem a deixar de fazer sentido, pois seu poderio econômico compensa eventuais problemas nessa área, sua posição social é a identidade mais do que conveniente enquanto tudo se “mercadifica”. Quanto aos menos favorecidos, eles também sofrem para acompanhar o movimento de aceleração e a velocidade do ritmo que o mundo e as coisas passaram a apresentar. Ainda que o mercado possibilite uma série de mudanças nas instituições modernas, alterando profundamente algumas de suas características fundamentais, a força inercial dos hábitos se faz presente de modo insidioso e se revela a partir de alguns indícios inusitados quando observados numa perspectiva crítica.

A construção e o exercício da masculinidade constituem experiências enriquecedoras para boa parte dos agentes masculinos que compõem as camadas populares, pois os mesmos são capazes de prover orgulho aos que as vivenciam quase como um dom divino. As diferentes demandas em relação ao que se considera um comportamento masculino adequado propiciam o surgimento de problemas de identidade, caso haja a necessidade de se dividir entre ambientes em que respostas distintas sejam solicitadas para satisfazer expectativas sociais específicas. O modelo de controle das emoções que incidem nos processos de subjetivação é diferenciado por agentes constituintes de diferentes espaços de uma mesma sociedade, assim como, por relações entre culturas e sociedades que se encontram em desenvolvimento.

É com base na pertinência das especulações realizadas acerca da identidade de gênero, da masculinidade contextualizada nos rumores da antiguidade e da pós-modernidade, que no próximo capítulo daremos início as análises das charges representativas de gênero/masculinidade e aprofundaremos nossas especulações sobre o ser masculino da era pós-moderna e se ainda perdura seu poder dominador.

4 VIAJANDO DISCURSIVAMENTE NO MUNDO DAS CHARGES: MODOS DE SER MASCULINO

Ser um homem é uma maneira segura de adquirir status quando outros papéis são sistematicamente negados pelos processos sociais. (...) Pode valer a pena considerar algumas expressões de masculinidade como tentativas de se ganhar certo grau de controle numa sociedade que nega categoricamente ou concede a outros o controle de significativos domínios de suas vidas. (BACCA-ZINN, 1994, p. 39, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 217).

Mediante a apresentação da epígrafe acima, é perceptível a aparição de vários modelos de masculinidades a partir das relações sociais, e que passam a ser notados quando são negados pelos meio sociais do qual fazem parte e circulam. As charges representativas de gênero/masculinidade, especialmente, permitem que os indivíduos fiquem abertos aos modos de ser masculino, tendo como foco os tempos remotos no qual o homem era considerado o provedor do lar, e que não podia expor sua emotividade e seus modos de ser, bem como sua subjetividade. Diante disso, neste capítulo, apresentaremos como categorias de nossa pesquisa: a) A identidade masculina e as relações de poder nas charges e; b) A intericonicidade e as relações de gênero. Buscamos, portanto, que os sujeitos possam compreender os discursos perpassados através das imagens das charges, já que este gênero torna possível aos sujeitos uma pluralidade de informações e exige um olhar mais crítico. As charges mesmo sendo de cunho temporal, deixam espaço para que sejam atualizadas as informações acerca de determinado tema, atentando assim, de acordo com as palavras de Batista (2016, p. 26), “não apenas para o que já está dito, mas para os discursos que estão perpassados nesse dizer”.

4.1 A identidade masculina e as relações de poder nas charges

Nesta categoria, iremos apresentar a análise das charges, observando como a valorização social do masculino permite a si próprio se pensar como aquele que vive apesar dos outros, isto é, apesar do julgamento que os outros fazem de si, justificando a adesão aos valores masculinos como uma associação benéfica àqueles [homens] que buscam uma identificação positiva, sem repreensões, sem dar importância ao que é dito por outros. Assim, observar a exacerbação da identidade construída de modo positivo será reflexo de uma necessidade de afirmação frente aos demais grupos dos quais são contraditórios, pois no processo de construção de identidades, a tentativa de constituir uma diferença de forma

positiva torna-se bastante comum nos diversos grupos sociais. É a partir dessa visão, que observamos as charges a seguir.

Na charge 1, é importante observarmos que o foco está nos estereótipos femininos que são reforçados pela ideia de superioridade masculina, já que se trata de uma imagem em que mulheres reivindicam por segurança contra homens que usam do assédio sexual para desqualificá-las e neutralizá-las.

Figura 1 – Mulheres de diferentes etnias contra o assédio sexual



Fonte: Disponível em: www.humorpolitico.com.br

A charge acima foi publicada no dia 02 de abril de 2017. Ao analisarmos a sua construção, percebemos a presença de mulheres pertencentes a todas as classes sociais e etnias que reivindicam por leis que tratem do respeito para com as mesmas e que penalizem homens machistas que abusam delas, pois, como sabemos, o assédio sexual tornou-se um assunto de extrema notoriedade nos últimos tempos. O assédio sexual se dá com maior frequência no âmbito de trabalho que, em troca de favores sexuais, há patrões que prometem vantagens, promoções e até melhorias de salários aos subalternos.

Na imagem, há uma forte preocupação das mulheres em ter seu espaço público respeitado, sem sofrer constrangimentos com relação a sua aparência, corpo ou maneira de se vestir. O ato de segurar plaquetas com dizeres ou palavras de ordem, remonta às manifestações públicas em que se busca dar voz a grupos minoritários (só no dizer, pois os grupos minoritários no Brasil são numericamente maiores que os grupos que detêm a hegemonia do poder), e tem um caráter de denúncia.

O que se observa, no entanto, é a naturalização, até mesmo pelo meio midiático, de uma violência simbólica de gênero, como bem respalda Bourdieu (2002). O referido autor ensina que a violência simbólica de gênero refere-se aos constrangimentos morais que as representações sociais do gênero impõem, decorrente de uma sociedade historicamente machista e patriarcal⁹, onde são comuns reproduções que disseminam tais representações, cuja principal característica consiste no constrangimento e na degradação da imagem da mulher. A degradação da imagem da mulher na mídia vem crescendo através da publicidade, onde é vista como um objeto de mercado, que pode ser comprada e vendida através do seu corpo, mostrando sempre uma mulher perfeita e desprovida de pudores, utilizando sua sexualidade para comercializar produtos¹⁰.

De acordo com os argumentos de Bourdieu (2002), em uma sociedade patriarcal, onde a mulher era sempre subordinada ao pai e depois que se casava tornava-se propriedade do marido, sempre controlada e submetida à autoridade irrefutável da figura do patriarca, nota-se que esse modelo reverberou até os dias atuais, uma vez que a mulher ainda é usada como um objeto podendo ser comprada/vendida e às vezes atingida pela mídia, onde as informações de massa se propagam de forma instantânea e têm grande influência na sociedade. Esses aspectos de subordinação de uma sociedade patriarcal se relacionam ao domínio masculino quando se defrontam com questões sobre autonomia de pensar e produzir intelectualmente de acordo com uma realidade desigual, que excluía as mulheres de uma condição de independência.

Nesse sentido, a base da violência são as estruturas que defendem a ideia de superioridade masculina, mantendo-a viva e favorecendo a manutenção dessa cultura que, segundo Bourdieu (2007), encontra na própria sociedade condições para sua disseminação. As vítimas de assédio sexual são obrigadas a conviver com o medo e com as marcas que a violência sofrida deixa no corpo e na alma. Desse modo, as vítimas do assédio (e até do estupro, que pode ser culminado) tem seu corpo tratado como “terra de ninguém” por seu algoz, elas têm de conviver com marcas visíveis e ocultas que afetam a saúde física e psíquica. Muitas vezes, as mulheres são tidas pela sociedade como culpadas pela violência sofrida. Existe uma chamada “cultura do estupro”, em que a mulher é colocada como coisa, objeto, do qual os homens podem fazer o que quiserem com o corpo dela.

⁹ Patriarcal caracteriza o respeito e a honra pelo sistema social do patriarcado, cujo comando é feito pelo homem (no papel de marido ou de pai), o qual é tido como a figura ou autoridade máxima.

Cf. <https://www.meusdicionarios.com.br/patriarcal>

¹⁰ Cf. GOMES, Edna. A violência sofrida pela mulher. Disponível em: http://www.campomaioremfoco.com.br/ver_coluna/291/A-violencia-simbolica-sofrida-pela-mulher. Acesso em: 17/04/2019.

Assim, o aumento dos casos de assédio corresponde também a uma reação de machismo extremo, violento, contra a ascensão social feminina, já que as mulheres, atualmente, podem estudar, trabalhar e sair de casa quando for necessário. Por isso, percebemos o reforço na mensagem expressa pelas mulheres na imagem: “*MULHER NÃO É OBJETO. ASSÉDIO SEXUAL É CRIME*”. Esse enunciado reforça o medo que as mulheres têm ao andar sozinhas, pois são abusadas, assediadas e, mesmo denunciando, são vistas como culpadas por estarem em determinados lugares, usarem determinadas roupas e por terem amizades diversas. Daí, muitos homens usam de artifícios como o assédio sexual/moral – assim como do estupro – para inferiorizar as mulheres, tentando diminuí-las cada vez mais, para naturalizar que “lugar de mulher é em casa”. Sabemos, contudo, que a relação de poder desigual não faz parte apenas da realidade brasileira, mas trata-se de um fenômeno mundial. A discriminação e a desigualdade de gênero são componentes que movem a violência contra a mulher, disseminando desde o assédio, o estupro ao feminicídio¹¹, por exemplo.

Com isso, a construção da masculinidade nociva está nos detalhes. Homens não são socializados para entrar em contato com as próprias emoções e usam a violência para se expressar quando não encontram outros recursos. A violência de gênero seja na forma de lesão corporal ou de assédio sexual (VILELA, 2006), está relacionada à manutenção de uma relação desigual de poder, que autoriza (mesmo com a ilegalidade do ato em si) aos homens a violação do corpo e dos direitos das mulheres, em virtude da reafirmação de uma masculinidade que se coloca, em âmbito público ou privado, superior às mulheres.

Dessa forma, a principal referência que forjou a identidade do gênero humano está no trabalho, ou, se preferirmos, na atividade social em que as pessoas desempenharam e desempenham suas funções sociais para produzirem seus meios de vida. Essa diferença não é algo da modernidade, uma vez que as diferenças e desigualdades das funções e no mundo do trabalho marcam a história do Ocidente.

Vejamos a charge 02, em que a mesma apresenta como ênfase a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Na imagem, é reforçada a inferioridade da mulher quanto às vantagens de ganhos salariais, pois mesmo exercendo as mesmas funções, a mulher ainda se apresenta como subalterna, sendo, então, menosprezada.

¹¹ “O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.”, Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013). Cf. FEMINICÍDIO. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>. Acesso em: 15/04/2019.

Figura 2 – Diferença salarial motivada pela diferença de gênero



Fonte: Disponível em: <www.bancariositabuna.com>

A charge acima foi publicada em 21 de junho de 2016. Percebemos mais uma vez a violência contra a mulher – que se trata de um tema imprescindível quando se discute a situação das mulheres no Brasil – assim como foi analisado na charge 01, muitas vezes o assédio sexual e moral já ocorre devido essa desigualdade de gênero, no sentido de desvalorização do trabalho da mulher e de como elas são tratadas como objetos, empregadas, escravas e submissas. Já dizia a feminista brasileira Heleieth Saffioti (2004, p. 81) que “a violência de gênero não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino”.

É sabido que uma histórica desigualdade de gênero marca nossa sociedade, transparecendo-se nos diferentes setores, e que essa desigualdade tem sido em alguma medida questionada e modificada, basta pensarmos, por exemplo, que se há um século o acesso das mulheres à educação era restrito, hoje elas são maioria em muitos cursos do ensino superior. Mesmo assim, de acordo com Hernández (1998, apud OLIVEIRA, 2004, p. 217) “a conformação destas identidades [masculinas] se poderia visualizar, ou justificar, como a necessidade do grupo masculino de desqualificar dentro da comunidade o grupo social mais desfavorecido [no caso, as mulheres] [...]”. Nesse contexto, cabe salientar que o exercício de opressão de comportamentos machistas¹² funciona como algo compensatório para os homens dos estratos mais desfavorecidos, no que concerne a função de poucas chances de exercer

¹² Para frisar, lembramos que, comportamentos machistas estão em todas as classes, mesmo que apresentando-se de forma diferente.

algum tipo de poder social. Sendo assim, uma exacerbação da dominação de gênero via machismo legitimaria o exercício de poder em algumas instituições como na família, por exemplo.

A charge sugere que mulheres, mesmo em posições de liderança, estão sempre submetidas aos homens, suas ordens e escolhas, o que as torna, mais uma vez, objeto de um imaginário machista e continuam sendo desqualificadas. Os lugares imaginários dos agentes serão sempre espaços de sentido estruturantes onde as vivências passadas e presentes predispoem-nos a relações diversas com os diferentes lugares simbólicos, com consequências múltiplas que afetam o agente de modo integral, incluindo as condutas e também disposições corporais, que são também constitutivas de cada lugar imaginário.

O humor¹³ sugerido pela charge só nos mostra o quanto ainda temos que caminhar na construção de um mundo onde as mulheres possam exercer sua autonomia e liberdade, a favor de uma sociedade sem opressões e explorações de qualquer tipo. Charges como essas que fazem manifestos machistas devem ser repudiadas, assim como repudiamos a desigualdade e a violência produzidas por tais atos machistas em nossa sociedade.

O enunciado verbal “NADA PESSOAL” reforça a ideia de que a discriminação por gênero é uma prática naturalizada em nossa sociedade, eximindo o sujeito que a pratica de qualquer constrangimento ou responsabilidade. “Nada pessoal” gera perplexidade e indignação, que podem ser lidas na expressão corporal da mulher na charge, e reforça a cumplicidade masculina, no caso entre um patrão e um funcionário, que a despeito das competências e desempenhos pessoais, obtém melhores ganhos no mercado de trabalho.

Ainda sobre a construção da imagem, ela remonta intericonicamente a uma balança, cujo sujeito que ocupa a posição central seria o fiel dessa balança. A crítica, portanto, dessa charge, reside no fato de, embora os valores devidos a ambos os sujeitos que ostentam as mesmas posições sejam distintos (uma moeda *versus* um saco de moedas), o fiel manter-se em posição de equilíbrio.

Desse modo, pensar na existência de um modelo de masculinidade, oriundo de um campo de relações de gênero, reproduzido nas vivências interacionais da masculinidade e formado pela inserção social do agente, é postular que cada imagem dominante conduz uma relação com as possibilidades reais na vida desses homens e com os instrumentos que têm a

¹³ Possenti (1998, p. 38) esclarece que “os textos humorísticos são relevantes à luz da AD, principalmente pelo fato de veicularem, além do sentido mais apreensível, discursos subterrâneos, reprimidos e que não são explicitados correntemente em qualquer ambiente”. Portanto, o humor é um artefato que está presente nos processos discursivos e produz efeitos de sentido a determinadas condições de produção. O humor pode ser entendido como uma estratégia de vida, forma de preconceito, como sátira ou difamação.

sua disposição para o exercício de alguma forma de poder. Mas também tudo aquilo que mobiliza a vida do homem enquanto esta vida tem ainda capacidade de ser produtiva.

O fato é, portanto, que não apenas nosso corpo é afetado pelo exercício do poder, mas a constituição daquilo que se entende por sujeito. Em suma, Foucault (1975, p. 803) diz que o “programa que orienta o conjunto da conduta humana” é a racionalidade, isto é, as análises feitas tanto pelas práticas discursivas quanto pelas estratégias de poder, é a racionalidade que nos mostra que não há qualquer incompatibilidade entre o progresso da razão e o uso contínuo da violência. Percebemos, portanto, na imagem a seguir, a violência simbólica via machismo no que corresponde aos espaços domésticos, em que há uma (des)valorização da figura feminina até mesmo quando se trata de ganhar presentes ou de ser homenageada.

Observemos a charge 03:

Figura 3 – Sobre o Dia Internacional da Mulher



Fonte: Disponível em: <www.folhadecondeuba.com.br>

Esta charge foi publicada em 22 de março de 2017 pelo Jornal Folha de Condeúba, tendo autoria de Lila. Podemos perceber que em pleno século XXI a charge representa a vida de muitas mulheres, pois é neste gênero textual que está sendo divulgado pelo poder midiático o abuso contra a liberdade feminina. A mídia está dando ênfase cada vez mais à divulgação do machismo, de um lado enfatizando o transtorno, a angústia, o desespero, o medo que as mulheres sentem ao sair na rua, ao ir trabalhar, estudar, que para alguns homens essas provocações são para que as mulheres fiquem em alerta contra tais ocorrências e, por outro lado, dando o poder para que alguns sujeitos se beneficiem vendo a mulher apenas como um ser submisso, uma escrava, um objeto qualquer, “descartável”. As charges criticam o machismo, ao expor o modo de representação do sujeito masculino de se sentir superior,

poderoso, ou seja, elas expõem as feridas sociais para que as pessoas possam refletir sobre as mesmas.

Nesse sentido, percebemos que o machismo é muito presente e persistente em nossa sociedade, por isso os homens acreditam, de forma equivocada, que têm poder sobre as mulheres e que estas servem para trabalhar, cuidar da casa e dos filhos, como é perceptível na charge 03. As charges nos propõem compreender os significados que se escondem por detrás das imagens e palavras. Ao interpretarmos uma charge, podemos perceber que diversas informações podem estar nela circunscritas, o que nos obrigará a recorrer aos processos de construção de inferências e analogias para compreendê-la em sua totalidade. Se não lançarmos mão desses processos, dificilmente o conteúdo da charge será apreendido. Podemos dizer que o principal objetivo de uma charge é transmitir uma visão crítica sobre determinado assunto que esteja sob o alvo de discussões na sociedade.

A imagem reproduzida apresenta um discurso que por muito tempo permeia na sociedade brasileira, discurso esse filiado a uma ideologia que ditava a noção do que era ser mulher em determinada época: dona de casa, que além de dar conta dos afazeres domésticos, tinha que dar conta do marido e dos filhos, não importando se o marido tinha ou não tempo para ajudá-la nessas atividades, pois em épocas passadas a obrigação era exclusiva da mulher, ela não possuía liberdade para trabalhar fora de casa ou aprender outras atividades que não estivessem correlacionadas com o trabalho de casa, pois as mulheres deviam obedecer ao padrão ideal da época sem questionar.

Observando a charge 03, percebemos que a mesma repercute uma cena de uma mulher que lembra o marido que o dia anterior fez referência ao Dia Internacional da Mulher, e ela diz: *“Querido, ontem, ‘dia 8’, foi o meu dia e você nem lembrou de mim!”*, na esperança de que ele fosse parabenizá-la e provavelmente lhe presentear com algo diferente do que já está acostumada. Mas, em contrapartida, o marido responde: *“Claro que lembrei, querida! É tanto que eu comprei um tanque e um fogão novo pra você”*. A afirmativa nos revela que alguns homens possuem um comportamento machista que não se atentam para inovar na compra de um presente para suas companheiras, alguns só enxergam nelas uma empregada que só tem direito de ganhar utensílios domésticos que ajudarão para que elas se esforcem menos (apesar de que esse tipo de comportamento é reforçado pela sociedade), mas que serão usados na realização de tarefas que beneficiam os homens, até mesmo porque os sujeitos masculinos também podem usar desses utensílios como o tanque e o fogão. Assim, compreendemos que o homem é um sujeito que não é origem do dizer, mas, interpelado por vários já ditos, está contagiado pelo interdiscurso que diz que só a mulher pode desenvolver

as atividades do lar e nem se dá conta que está sendo autoritário e machista, pois a sua forma de agir é, para a sociedade, normal.

Dessa forma, Carvalho (2013) ressalta que a formação discursiva sobre a identidade feminina se fixou na memória do povo brasileiro de tal forma que qualquer manifestação feminina de tentativa de libertação dos ideais machistas era vista como imoralidade e punidas severamente pelos maridos, tais maneiras eram normalmente aceitas pela população, até mesmo por algumas mulheres que estavam tão adaptadas à sua sorte que não tentavam modificar o seu destino.

Na respectiva charge apresentada, percebemos o marido sentado em frente à televisão, bem sossegado, assistindo ao jogo de futebol, enquanto a esposa, desarrumada, aparece com um lenço na cabeça como se fosse uma “empregada” dele, e triste por não ter recebido o presente desejado, à altura do seu merecimento. Para o marido, o merecimento da esposa foi o de ganhar um tanque e um fogão novo, que são eletrodomésticos utilizados por empregadas e donas de casa. A reação da mulher de estar com as mãos dos lados, como se fosse às costas, dá indícios de que ela está insatisfeita com o papel que exerce e com o presente recebido, é como se ela questionasse mentalmente a sua condição de mulher.

Contudo, essa imagem reforça uma formação ideológica sobre a identidade feminina que limita os papéis que a mulher pode desempenhar, considerando-a inferior ao homem, por isso determina que ela deva servi-lo, que as mulheres não possuem direitos civis, apenas devem cumprir deveres que lhes são impostos em todo o tempo. Está inserido também no discurso produzido o fato de que as mulheres não são capazes de ocupar a mesma posição que o homem no mercado de trabalho porque são “incompetentes”.

4.2 A intericonicidade e as relações de gênero

De acordo com Batista (2016), “a imagem é postulada como uma linguagem que se constitui no tecido da memória, seja ela coletiva, histórica ou social, a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade”. Com isso, entendemos que um discurso retoma outros dizeres, e que nesse discurso outras vozes se manifestam. Diante disso, consideramos nesta categoria como as relações de gênero se manifestam nas charges e quais as relações existentes entre os discursos imagéticos apresentados no gênero discursivo analisado, conforme notamos a seguir.

A charge 4 apresenta o homem na qualidade de “doméstica”, em que o mesmo deve exercer as mesmas funções femininas enquanto dona de casa. Há, portanto, uma descontração

da mulher, por se sentir superior, ao menos uma vez, e uma desconstrução do sujeito masculino apenas como provedor do lar.

Figura 4 – Inversão de papéis no Dia da Mulher



Fonte: Disponível em: www.humorpolitico.com.br

Esta charge foi produzida por Sinfrônio para o Diário do Nordeste, e publicada no dia 08 de março de 2012, por Humor Político. Percebemos pela data de publicação que se trata do Dia Internacional da Mulher, e como vemos no canto superior esquerdo da imagem, a mesma está confirmando que é o **“DIA DA MULHER”**, tal mensagem encontra-se em negrito e caixa alta para que seja reforçada a ideia da charge.

Na charge 04, observamos uma representante do sexo feminino colocando o marido para fazer todas as atividades domésticas enquanto ela se diverte com a situação como uma forma de vingança, de frente para a televisão, com as pernas em cima de um banquinho e tomando uma cerveja, ou seja, a mulher está ocupando o lugar que antes era do marido, mesmo que seja somente por um dia, exatamente por ser esse dia exclusivo da “mulher”. O texto verbal DIA DA MULHER, remonta intericonicamente ao contraste do DIA DO HOMEM, porque se levadas em consideração as datas comemorativas, o dia do homem é todo dia, já que sempre quem está à frente da vida doméstica são as mulheres. A imagem só

reforça a ideia de que a classe feminina é que tem o papel de enfrentar o espaço doméstico, e que o papel do homem é ser provedor do lar.

No momento em que a mulher está se divertindo ao ver o marido exercer todas as “suas” funções, ele está lá preocupado com a falta de organização de tantos afazeres, percebemos que o mesmo se encontra perdido, sem saber por qual atividade começar: é panela no fogo para ter atenção e não deixar a comida queimar, são roupas para passar a ferro e ser atencioso para não queimá-las, e um balde com água numa mão e a vassoura na outra, provavelmente para lavar/limpar a casa.

Não é difícil de ver que o homem está tão desconcertado em não saber qual atividade realizar primeiro, como também a fala dele mesmo enfatiza que está ansioso para que acabe o dia da mulher, e que tudo volte ao normal na vida dele, retornando tudo para os seus “devidos” lugares, como ele ressalta: **“E ESSA MEIA-NOITE QUE NÃO CHEGA...”**, a voz do sujeito também se encontra em negrito e caixa alta, para que seja reforçada a insatisfação do sujeito masculino em estar realizando tarefas que são destinadas há séculos a sujeitos do sexo feminino. Tal atitude reforça um estereótipo bastante propagado na sociedade machista, de que mesmo os homens sabendo das dificuldades que as mulheres enfrentam para fazer tais atividades, eles não sabem reconhecer os seus esforços e exprimem somente que “mulher não faz nada”, que “serviço doméstico não é pesado”, e que “são obrigações das mulheres”.

Podemos perceber no discurso verbal do homem que o mesmo pode ser remetido ao de um sujeito masculino que foi trabalhar como secretário do lar, e que, por tanta exigência da sua patroa – sujeito superior, ele deseja que o dia acabe logo para que possa descansar ou até mesmo pedir demissão por não estar satisfeito com tal trabalho ou por estar ciente de que não dá conta do serviço. A insatisfação do sujeito é expressa no seu olhar, que pode ser encarado como um olhar de raiva, que ele era quem deveria estar na posição contrária, já que está vestido de paletó e gravata. A função dele poderia ser, no entanto, de motorista, por exemplo.

A charge causa um efeito de humor, devido aos papéis destinados por uma determinada formação ideológica estarem invertidos. É perceptível uma formação discursiva idealizada por muitas mulheres que foram vítimas do preconceito durante décadas e não querem apenas a posição de igualdade perante os homens no que diz respeito a cargos no mercado de trabalho (CARVALHO, 2013). Essas mulheres desejam que o sexo feminino seja superiorizado em relação ao sexo oposto, mas, para que isso aconteça, elas desejam que todas as funções que até então eram destinadas somente classe feminina sejam transferidas aos homens. Dessa forma, para as mulheres, é através dessa imposição que os homens realmente

perceberão o fardo que elas carregam o tempo todo e reconhecerão que não apenas as mulheres são predestinadas a se ocuparem das atividades do lar.

Compreendemos, portanto, que o que mais aflige as mulheres, do ponto de vista dos membros das classes dos dominados, corresponde às funções trabalhistas, pois o que as tornariam superiores seria ver todos os homens cuidando da casa, dos afazeres domésticos, dos filhos. Para que elas alcançassem o mesmo grau de superioridade, além de serem esposas, cuidarem da casa e dos filhos, teriam que trabalhar fora de casa.

Aliás, o homem representado na charge, que aguarda ansioso o término do Dia Internacional da Mulher, embora se ocupe, apenas por um dia, dos afazeres do lar, encontra-se vestido de terno e gravata, vestimenta essa que demarca o seu lugar social exterior ao lar, ao passo que a mulher, mesmo “alforriada” por um dia, continua no espaço doméstico. Essa demarcação dos espaços geográficos tidos como próprios do masculino e do feminino é uma das causas da segregação de gênero, contra a qual insurgem os movimentos feministas, de que o lugar da mulher na sociedade não pode ficar circunscrito ao espaço do lar.

A partir dessa imagem, reiteramos que a mesma se manifesta através de outros discursos existentes, ao ver um homem cuidar da casa tem-se um conceito de homossexual, já que essa atividade é, de praxe, obrigação da mulher. Nesse sentido, dialogamos com as reflexões de Bourdieu (1996):

Do ponto de vista dos membros das classes dominadas, os valores ‘cultura e refinamento’ são percebidos como femininos; a identificação com a classe dominante, em matéria de linguagem, por exemplo, implica a aceitação de uma maneira de utilizar o corpo que aparece como afeminada (‘ser afetado’, ‘amaneirado’, ‘fazer requebros’, ‘dengos’, ‘fazer gênero’) (...) As mulheres podem identificar-se à cultura dominante sem romper, tão radicalmente quanto o homem, com sua classe, sem que sua transformação se exponha a ser percebida como uma espécie de mudança de identidade ao mesmo tempo social e sexual. (BOURDIEU, 1996, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 236).

Refletindo nessa perspectiva, o conjunto de discursos no acontecimento discursivo e através da história sofre transformações possibilitando a incursão de outros discursos, equivalendo-se de uma memória discursiva, esta como efeito de uma atualidade sobre o acontecimento discursivo. Concebemos, portanto, o discurso humorístico da charge perpassado por um interdiscurso, como uma forma peculiar de ressignificação, uma vez que retoma saberes já ditos, depositados na memória coletiva pelos diversos meios de comunicação. Assim, de acordo com Carvalho (2004, p. 36),

homens e mulheres são produtos de relações sociais, históricas e culturais, num contexto em que se aprende não um único ‘papel sexual’, mas

convivem múltiplas masculinidades e feminilidades articuladas por relações de poder e perpassadas por outras relações sociais como as desigualdades de classe e raça. (CARVALHO, 2004, p.36).

O discurso de que os homens devem ser considerados inferiores às mulheres também é preconceituoso e deve ser repensado, pois, o que deve ser propagado não é a superioridade de um gênero com relação ao outro, mas a convivência pacífica e igualitária dos dois em um mesmo ambiente. Com essa afirmativa, na charge 5, apresentamos uma inversão de papéis, bem como uma convivência entre ambos os gêneros no que condiz a uma relação profissional.

Analise a charge a seguir:

Figura 5 – Futebol de salto alto



Fonte: Disponível em: www.umoutroolhar.com.br

Esta charge foi publicada em 18 de julho de 2014. Na imagem acima, vemos uma profissão que está mais associada à masculinidade, e que, quando levada para o lado profissional feminino, as mulheres são discriminadas e tidas como motivos de “piadas”, mesmo sendo bem sucedidas, dedicadas e vitoriosas. Nesse sentido, ao contrário de ideologias ou doutrinas sustentadas por crenças, reiteramos que o conceito de gênero está baseado em parâmetros científicos de produção de saberes sobre o mundo e busca identificar processos históricos e culturais que classificam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino.

Como sabemos, a identidade masculina é baseada na agressividade, na indisciplina e em noções hierarquizadas do que é ser homem ou mulher, o que reproduz uma cultura de violência. Desse modo, percebemos que com essa cultura de violência outros grupos como gays, lésbicas, travestis e transexuais são marginalizados e “excluídos” por um determinado padrão social e, a partir disso, são identificadas discriminações de gênero.

A partir da ótica dos padrões sociais dominantes, as pessoas que não se submetem aos padrões de feminilidades, masculinidades e orientações sexuais encarados como normais, são reiteradamente expostas a violações de direitos, agressões físicas, verbais, psicológicas e discriminações de todo tipo. Daí, suas diferenças convertem-se em reais desigualdades. Tais concepções acerca dos padrões sociais dominantes têm em vista que os estudos levantados acerca das relações de gênero apontam para uma possível crise do masculino na contemporaneidade. Para Nolasco (1995, p. 15), segundo uma contextualização de Le Rider (1992), certa ideia de desconstrução do masculino aparece estreitamente ligada à transição para a modernidade. Desse modo, a crise estaria ligada a algumas mudanças comportamentais ocorridas nas relações homem/mulher, a ponto de alterar alguns valores e comportamentos.

Ressaltem-se, ainda, casos excepcionais de mulheres que, através de suas práticas não costumeiras, enunciaram outros monumentos linguísticos acerca de seus corpos, atitudes, condutas e comportamentos. Postulados inventados e inventariados constroem outra identidade para a mulher, conforme a operacionalização do saber-poder, esboçando e elaborando um conjunto de imagens e discursos, produzindo e reforçando outros tipos de enunciados. Lugares escritos e inscritos sobre a mulher que a segrega, subordinando-a as normas científicas de saber, como é o caso da legitimação e instituição de conceitos e categorias, bem como os estudos de gênero que criam lugares referentes à figura feminina.

Neste sentido, gênero é aqui entendido, segundo a concepção de Soihet (1997), como a palavra que indica rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual. O termo gênero é compreendido no sentido de indicar as construções sociais, a invenção social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres, bem como a relação existente entre ambos. A autora sublinha, ainda, que não se pode compreender nem o homem e nem a mulher, senão a partir de um estudo que os considere totalmente em separado (SOIHET, 1997). Tal categoria analítica é entendida como o estudo das relações sociais entre homens e mulheres e como essas relações são organizadas nas diferentes sociedades, culturas e épocas. Segundo Soihet (1997), essa categoria de análise foi um marco no sentido da preocupação de se articular este termo sem reforçar a oposição binária masculino *versus* feminino.

Nessa perspectiva, Bourdieu (2002) nos demonstra que as estruturas sociais levam as mulheres a incorporar e interiorizar uma relação masculino-feminina de dominação. Portanto, percebemos essa reflexão na charge acima, na qual a mulher se apresenta masculinizada pela presença da marca da roupa (terno de futebol), outro traço importante é a bola de futebol e o modo como a pessoa está posicionada como se fosse dar à famosa “bicicleta”, que é um marco importante no futebol masculino. O único traço feminino que podemos perceber são os sapatos de salto alto, na cor vermelha, que substituem as chuteiras. Em suma, compreendemos nessa imagem que há uma relação de gênero, que são as diversas formas de interações entre gêneros orientadas por concepções de masculinidade e feminilidade.

É possível perceber que há uma relação intericônica na imagem, e que a mesma nos lembra de histórias de mulheres, como a da jogadora de futebol, Marta, que muito foi discriminada por ser mulher e querer ocupar uma posição que era somente consolidada aos homens, ela foi criticada, mas também aplaudida por ser eleita várias vezes como melhor jogadora do futebol feminino. Nesse ensejo, estamos, a partir dessa charge, nos referindo a um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula indivíduos, emoções e práticas dentro de uma estrutura de poder, que pode refletir-se na exclusão social de alguns sujeitos.

Pensando nessa relação intericônica, em que vemos na charge a imagem de uma mulher na posição ocupada na época “medieval” por homens, reiteramos também que, antes a mulher era que tinha a busca incessante pelo corpo perfeito. Atualmente, essa ideia mudou, até porque a maioria dos homens é que está buscando essa perfeição, ter uma vida saudável, corpo sarado, ter um nível elevado de disposição. Enquanto as mulheres desistem mais facilmente, por ter mais trabalho se sentem cansadas e sem tempo para atividades físicas. Assim, é reforçada a ideia de que cada gênero possui uma essência baseada em atributos psíquicos e biofisiológicos que os distinguem e os tornam opostos.

Os homens costumam pensar nos termos de uma moral abstrata, buscando classificar as questões em princípio, antes de se aterem aos detalhes do caso particular. Isto parece confirmado por pesquisas psicológicas que mostram que os meninos se atêm mais firmemente às regras, enquanto as meninas mais prontamente desistem do jogo se o seu prosseguimento ameaçar os relacionamentos pessoais envolvidos. (SADLER, 1994, apud OLIVEIRA, 2004, p. 58-59).

A conexão da prática de esportes com os valores masculinos é algo que atravessou toda a Modernidade e se estende até os nossos dias. A beleza de um corpo masculino robusto é indício de valor moral, pois o corpo atlético simboliza, ao mesmo tempo, coragem máscula

unida aos bons princípios morais. Não obstante às diferenças, todos os homens relacionam força de vontade e disciplina ao autocontrole e à resistência diante da dor. Enrijecer o corpo por intermédio do esporte e da academia é a melhor maneira para se atingir tais qualidades, e essa afirmação só reforça a relação do que foi exposto com a charge.

Porém, a resistência em perceber que os homens não estão sempre e inexoravelmente na condição de dominadores, nas relações sociais generificadas e, mais ainda, que as relações de poder/gênero são jogos e não estados de dominação (FOUCAULT, 1994), podem inviabilizar a percepção de caminhos de transformação, mantendo, conseqüentemente, os lugares de mulher-vítima e homem-algoz como estáveis e imutáveis (GREGORI, 2003).

Na charge 6, apresentamos o lugar doméstico como um espaço em que se trata, para algumas mulheres, como uma pista de corrida em que devem ser alcançados algumas metas até linha de chegada. Vemos as reais funções que as mulheres exercem no lar até que possam então, descansar, até mesmo quando têm uma rotina de trabalho fora do seu espaço do lar.

Vejamos a charge abaixo:

Figura 6 – Dia do homem *versus* dia da mulher



Fonte: Disponível em: <<http://devehaveralgumlugar.blogspot.com>>

A charge apresentada foi produzida por Amâncio e publicada no dia 08 de março de 2012. Podemos perceber que a charge reflete a imagem de uma corrida, na qual a mulher está desesperada para logo dar conta de todas as atividades/provas. Enquanto isso, o homem anda tranquilamente, assobiando e sem mostrar nenhuma pressa.

Notamos a influência da imagem da charge na construção do sentido, pois remetendo a um discurso já dito a partir da imagem já vista de uma corrida entre duas pessoas, em que as mesmas têm que realizar algumas provas para, então, uma delas se tornar o vencedor, podemos atribuir um sentido de que a mulher está com os nervos à flor da pele, se mostra com todo fervor, a ponto de “perder os cabelos”; ela se mostra pronta para correr, para dar início à prova e conseguir concluir todos os afazeres domésticos. O pódio, nessa maratona, é a cama, mas os obstáculos para ambos os sujeitos são inigualáveis. Em casa, o homem come e dorme, ao passo que a mulher cozinha, serve a refeição e ainda cuida do filho antes de poder, finalmente, ter seu repouso. Ter conseguido chegar ao mercado de trabalho, na charge, representado pela fábrica, de onde partem os dois sujeitos, não significa ser abonada de suas responsabilidades do lar.

A imagem verificada do homem se apresenta de forma contraditória à posição da mulher, porque ele se mostra calmo, tranquilo, cantarolando, sem preocupação, a sua forma de dar início à prova é uma sensação de ir caminhando sem expectativa de ganhar essa corrida. Observamos que os personagens saem de dentro de uma “fábrica”, a qual se mostra cheia de fumaça, indicando talvez que a competição entre ambas as personalidades está pegando fogo. A fumaça que é vista, fornece intensidade à corrida, para que os sujeitos não parem e nem esfriem, mantendo os candidatos sob pressão todo momento.

Podemos constatar que a imagem apresentada na charge pode ter o seu sentido construído a partir de outros discursos e produz efeitos de sentido que determinam diferentes formas de interpretação. Reiteramos, portanto, que a partir da imagem, vemos a mulher numa situação vigente de doméstica, pois a sua linha de partida vai desde cuidar da comida, servir, cuidar do bebê, para, então, chegar ao destino final, que é o quarto, o último lugar ocupado pela mulher, assim mesmo, só quando chega à noite para poder descansar. Diante disso, só pudera o homem está com a aparência despreocupada, pois essa é a sua posição de sempre em relação ao espaço doméstico, porque nesse caso da corrida, sua linha de partida passa somente pela sala de jantar, em que ele já encontra a sua refeição pronta, e daí, chega ao seu ponto final que é o quarto.

Assim, a imagem nos permite entender que, quanto a esse sujeito explícito na charge, ele não apresentou nenhuma mudança no seu modo de ser masculino, pois o mesmo ainda está perpassado num contexto do qual ele encontra tudo pronto, sem ter que se esforçar ou “correr” para arrumar tudo. Encontramos a figura masculina como sendo machista, ao invés de correr e ajudar sua companheira nas atividades domésticas, ele prefere se tornar um sujeito lento, e deixar que a mulher que apresenta uma dupla jornada saia na frente e faça tudo para

ele. Diante dessa consideração, Souza (2001, *apud* GOMES, 2012, p. 62) ressalta que “a compreensão dos modos de significação da imagem está na dependência de como ela se constitui em discurso, objetivando a sustentação dos discursos produzidos em textos verbais”.

Percebendo toda a situação envolvente na charge apresentada, verificamos que tal situação consagrava a autonomia de um gênero e destacava a heteronomia do outro. Em contrapartida ao ideal moderno de masculinidade, emergiu o ideal feminino. Nesse sentido, Oliveira (2004) adverte que:

ao homem cabia a produção do novo, as conquistas, o avanço; à mulher, a reprodução do conquistado, a manutenção do passado, a submissão e a dedicação aos heróis. Os ideais assim configurados buscavam naturalizar a ideia de que o domínio público era assunto masculino, enquanto o doméstico ficaria a cargo de mulheres. (OLIVEIRA, 2004, p. 71).

É importante salientar que nos tempos passados, cabia à mulher reforçar o valor do caráter masculino e a coragem do homem, permanecendo sempre obediente. A submissão feminina sempre esteve explícita quando se tratava de duelos, já que nesse caso, ao final de uma briga em função de uma mulher, esta era a recompensa do vencedor, não objeto fundamental do combate. Com o passar dos tempos, a mulher passou a ser vista como um complemento do homem, que deveria ser aperfeiçoado e enobrecido pela afeição e o puro amor de uma mulher. Daí, ela se transformava em algo especialmente destinado à satisfação masculina.

Na charge analisada, percebemos que a imagem, mesmo sem um enunciado verbal, conduz os sujeitos a construir sentido, pois ao ver a mulher e o homem em igual linha de partida, como se estivessem saindo de uma “fábrica”, de um serviço fora de casa, considera-se que os mesmos seguem por uma linha diferenciada de atividades, a qual indica que a mulher tem por obrigação cuidar de todos os afazeres domésticos. Ainda entendemos por meio das cores das roupas que os sujeitos estão vestidos que, para a mulher o vermelho está indicando fervor, pressa, correria, que a mulher está numa prova de fogo, enquanto que o homem vestido de amarelo dá indícios de tranquilidade, calma.

Portanto, notamos que o enfoque da charge é criticar a posição masculina em não ter a mesma pressa que a mulher e o mesmo interesse de realizar ou ajudar a mesma na organização do lar. Assim, precisamos atentar e observarmos de modo mais sistemático a imagem apresentada e também termos um conhecimento de mundo para compreender o que nos é apresentado.

Diante dessas constatações, analisemos a charge a seguir, observando que a mesma apresenta uma relação de preconceito com figuras de super-heróis, bem como reforça o preconceito de nossa sociedade contra grupos minoritários como de homossexuais, por exemplo.

Figura 7 – Resignificando o super-herói



Fonte: Disponível em: <www.objetivoatualidades.blogspot.com>

A charge acima foi publicada em 07 de junho de 2015. Nesta charge, percebemos num primeiro instante que a mesma representa uma situação corriqueira, em que a nossa sociedade se vê diante de pessoas preconceituosas e que discutem a respeito da sexualidade do outro. O discurso imagético apresentado não destaca nada de novo, pois, é perceptível que a imagem que se tem de um homem vestido de mulher já é bastante comum entre nós (BATISTA, 2016), ou seja, de homossexual, mesmo em se tratando nessa imagem de uma festa a fantasia.

A partir da imagem apresentada conseguimos identificar a presença de sujeitos que estão discutindo a respeito de fantasias, os quais estão em discórdia com a masculinidade de um dos colegas porque o mesmo não está fantasiado de super-herói, perdendo, então, sua característica de machão, poderoso, forte. Pereira (1995) enfatizando a sexualidade como um borrador das frágeis fronteiras que dividem o mundo e as pessoas em masculino e feminino:

Fixou-se um certo senso comum para o qual a oposição entre hetero e homossexualidade [...] tem a mesma naturalidade daquela assumida entre o masculino e o feminino. Entretanto, toda a naturalidade e simplicidade desse raciocínio bipolar e mais ou menos reificador parece estar se esgotando atualmente. Ao mesmo tempo a ideia de confusão, de mistura, retoma agora a cena, só que com um sinal positivo. Nosso presente “pós-moderno”

valoriza a ambiguidade, a fragmentação, a indefinição, enfim, as ‘zonas cinzentas’ do comportamento. (PEREIRA, 1995, p. 56).

Na nossa sociedade pós-moderna vivenciamos uma indefinição, uma ambiguidade acerca das masculinidades presentes, mas que se tornou natural pelo modo como é visto. Na imagem, vemos um menino vestido de “Mulher Maravilha”, é nessa cena que percebemos a intericonicidade, pois visualizamos uma imagem que nos remete a outra já existente, o menino vestido de uma mulher heroína, a “Mulher Maravilha”, e assim, podendo, então, reforçar a ideia de que a mulher também tem seu poder de ser superior, e de poder crescer sem ter medo do que as pessoas podem exigir delas. O sujeito (menino) enquanto se considera o menino maravilha, é considerado por seus colegas como incapaz, que não tem força nem poder algum, que logo será derrotado, mas, na verdade, ele responde que detém certo poder, ele é o menino maravilha e tem poder de ser quem ele quiser ser, pois esse é o humor e a crítica da charge, o sujeito ser quem ele quiser e não ser quem os outros quiserem, e poder demonstrar não ter medo de nada nem de ninguém, nem mesmo medo dos seus colegas de ficarem rindo dele, ou praticarem *bullying* contra o mesmo, como é reforçado pela fala do indivíduo: “CLARO QUE TENHO [super poderes], EU SOU O MENINO MARAVILHA E MEU SUPER PODER É PODER SER QUEM EU QUISER”.

A masculinidade representada na charge destaca-se como valor básico sobre o qual a sociedade constrói sua autoimagem. Os “desviantes”, a exemplo do sujeito vestido de mulher na charge, fornecem digamos que um modelo às avessas, contratipo que figura como antinorma. Para um ideal de masculinidade que se confunde com a própria imagem positiva imposta pela sociedade, onde qualidades como autocontrole, disciplina, força, iniciativa, coragem, responsabilidade, definem as virtudes sociais em si, quaisquer sujeitos que não estejam dentro do padrão estipulado pela sociedade destaca-se como bizarros, estranhos e perigosos. Percebemos esse indício “bizarro” na imagem exposta, mesmo o menino esbanjando sua coragem e bravura de dizer que está fantasiado de menino maravilha que tem o poder de ser quem ele quiser, ele se passa por um sujeito bizarro porque está fantasiado com um traje feminino de uma heroína poderosa, a “Mulher Maravilha”, quando deveria estar dentro do padrão estabelecido pela sociedade, vestido de um super-herói como os seus colegas que estão usando trajes do Batman e do Superman, a exemplo deles ele poderia se vestir de Homem de Ferro, Homem Aranha, Incrível Huck ou outros.

É possível afirmar, portanto, que muitos fatores novos fazem parte da atual dinâmica social, estimulando um conjunto de condutas, em certos segmentos sociais, que dificultam a hegemonia e a permanência do ideal masculino, tal como ele se apresentava nos primórdios

da modernidade (OLIVEIRA, 2004). Assim, a organização social das masculinidades opera juntamente com vários marcadores sociais da diferença (não apenas gênero), produzindo regimes de verdade sobre masculino e sobre a regulação de modos de subjetivação masculina.

Como vimos na charge, o menino maravilha mesmo não sendo gay foi vítima de ataque pelos seus colegas só por causa de uma fantasia, em eles se acharem machões e heróis por suas fantasias equivaler a de super-heróis masculinos e consistir em seres considerados fortes, másculos, corajosos. Nesse contexto, compreendemos que “os gays, por seu estilo de vida, desafiam as prescrições conservadoras, por isso, são alvo de ataques dos moralistas. Em contrapartida, buscam um posicionamento que justifique e legitime o direito de poderem exercer sua sexualidade sem os constrangimentos a eles impostos” (OLIVEIRA, 2004, p. 164).

Para algumas pessoas preconceituosas, por existir homens com características femininas, estes deveriam ser classificados dentro de uma nova categoria de gênero, que seja intermediária entre o masculino e o feminino. Segundo Jurandir Freire Costa, “imitar gestos femininos de modo exacerbado funciona como uma ratificação e reforço dos estereótipos de gênero e, ao invés de ser uma forma de protesto subsequente, apenas os gays como figuras caricatas, dignas de riso e desprezo” (COSTA, 1992, apud, OLIVEIRA, 2004, p. 167). Assim, os defensores dessa linhagem pós-moderna criticam qualquer política de identidade baseada numa dualidade de orientação sexual. Considerando as ressalvas do referido autor, reiteramos que, para aqueles que reconhecem a si próprios, suas práticas e desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, torna-se bastante difícil manter uma posição homossexual, pelo motivo de eles mesmos se sentirem criticados dentro do próprio espaço gay, algumas vezes não tendo o reconhecimento do direito à privacidade.

Não há dúvidas, no entanto, de que a visibilidade gay, ainda que vinculada ao fortalecimento e expansão do estilo de vida consumista, ou até mesmo por esta razão também, constitui-se num duro golpe visando à desestabilização do ideal moderno de masculinidade. Assim, (OLIVEIRA, 2004) durante o processo de constituição e constante reafirmação de sua identidade de gênero, o homem se torna propenso a experimentar dilemas e conflitos que geram angústias e inexpressividade, elementos que coincidem em indicar fragilidades, dissabores e sofrimentos em que acaba se tornando o exercício da masculinidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões da nossa pesquisa:

a) Como a leitura de imagens a partir da intericonicidade influencia a produção de sentidos das charges representativas de gênero?

Percebemos que é preciso superar os impulsos que nos movem a dicotomias, os quais fazem com que críticas sejam impulsionadas no que corresponde a produções masculinas, em que o mito da natureza boa das mulheres contrapõe ao que se sugere como natureza má dos homens. Além disso, as charges refletem que os estudos de gênero discutem “os homens e o masculino como faces malditas das relações que produzem desigualdades sociais e subordinam as mulheres” (MEDRADO; LYRA, 2014, p.59). Na tentativa de elucidar um caminho possível para a compreensão das imagens nas charges enquanto discurso sob a perspectiva da intericonicidade, notamos que uma imagem sempre subsistirá outra imagem, conservando de certa maneira seus traços, mas apagando outros, de forma a produzir um novo discurso. Do modo como a sociedade retrata o papel do homem e da mulher, percebemos que houve mudanças significativas, uma vez que os papéis que cada sujeito exerce hoje parecem não ser como antes bem definidos e/ou delimitados, pois verificamos uma unificação de papéis, na qual tanto o homem como a mulher podem exercer as mesmas funções, embora ainda exista a discrepância entre os direitos dos homens e mulheres, sobretudo no tocante ao mercado de trabalho e às instâncias sociais, porque mesmo com algumas alterações nos papéis dos sujeitos, ainda há uma obsessão pela diferenciação de gêneros. As charges se caracterizam por suas constantes críticas as questões sociais e revelam os piores vícios e defeitos do ser humano, dessa forma, ao mostrar o comportamento masculino em relação à mulher, não reforça esse comportamento “machista”, mas revela a discriminação que ainda persiste na sociedade moderna.

b) De que forma a leitura discursiva das charges apresenta a representatividade de gênero/masculinidade na sociedade atual?

O poder atribuído aos homens não é construído apenas nas formas como os homens interiorizam ou individualizam (SANTOS, 2013), mas também nas formas ritualizadas e institucionalizadas de constituir homens e masculinidades, o qual pode se constituir em um dispositivo de reafirmação de modos de serem homens e de se regular a expressão das masculinidades, naturalizando corpos e práticas. Outro fato presenciado na pesquisa a partir das charges é uma suposta superioridade masculina, baseada na crença do calor vital e da

perfeição anatômica do corpo masculino, sendo a mulher descrita como um homem invertido. É importante buscar compreender os usos e efeitos que práticas sociais produzem a partir do exercício constante de oposição entre os dois sexos. Além disso, os discursos implícitos apontam para uma descrição de homem machista, violento, que faz da mulher empregada, inferior.

Enfim, mediante o exposto, configura-se que a relevância de se olhar para a relação entre imagem e palavra recaem na necessidade da análise a que nos propusemos fazer, haja vista que a charge traz como marcas pontuais de produção de sentidos a linguagem verbal e visual, produção esta, que é uma consequência do aparecimento do significante em dadas condições, associando-se a isso o sujeito leitor social já historicamente determinado. Desse modo, para que tal gênero possa ser compreendido é necessário que os leitores estejam informados sobre as questões sociais que os rodeiam, pois por se tratar de um gênero textual temporal é importante que os sujeitos ali apresentados sejam considerados conforme seu contexto sócio-histórico-ideológico e cultural.

Consideramos também que o humor presente nas charges, muitas vezes, nos discursos implícitos, proporciona ao leitor uma forma de conduzir seu pensamento crítico mediante os acontecimentos sociais, avaliando que o sujeito do discurso não tem o direito de dizer tudo, em qualquer circunstância para qualquer indivíduo, uma vez que seus dizeres são interditados.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. et. al. **Papel da Memória**. 2. ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2007 [1999].

AMÂNCIO. Especial Dia Internacional da Mulher. Disponível em: www.humorpolitico.com.br. Acesso em: 03 mai. 2018.

ASSIS, E. G. de. Análise do discurso: uma análise da exterioridade. In: _____. **Veja a discursivização ideológica. Isto é, discurso jornalístico**. Brasília: Kiron, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1997].

BARACUHY, R.; PEREIRA, T. A. A biopolítica dos corpos na sociedade de controle. **Gragoatá**, n. 34, v. 1, p. 317-330, 2013.

BATISTA, A. R. **Intericonicidade e interdiscursividade nas charges**: um olhar sobre os discursos implícitos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/ Português). Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2016. 46p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 11. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 [1999].

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria L. Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

CAMARGOS, Arthur. Concursos contra homofobia no futebol. Disponível em: www.umoutroolhar.com.br. Acesso em: 06 jun. 2018.

CARVALHO, J. S. de. Construção da imagem da mulher através de charges. **Revista Pandora Brasil**, n. 58, set., 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21726735-Construcao-da-imagem-da-mulher-atraves-de-charges.html>. Acesso em: 12 set. 2018.

CARVALHO, M. P. de. Quem são os meninos que fracassam na escola? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr., 2004.

CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v. 6, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: <www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/>. Acesso em: 20 out. 2018.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California, 1995.

_____. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (ed.). **Masculinidades**. Santiago, Chile: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 31-48.

_____. **Gender**. 1.ed. Cambridge: Polity Press, 2002.

COSTA, J. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro. Relume-Dumará, 1992.

COURTINE, J. J. (1981). “Analyse du discours politique”. **Langages**, n. 62, juin, 1981.

_____. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução: MILANEZ, Milton; PIOVENAZI FILHO, Carlos. São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____. Apresentação. In: CORBAIN, A.; COURTINE, J. -J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo**. As mutações do olhar: século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; MARANDIN, J. M. “Quel objet pour l’analyse du discours?”. In: CONEIN, B. et alii. **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires, 1981.
DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas- SP: Pontes, [1999] 2007.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. Tradução Péter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 221-224.

FALCONNET, G.; LEFAUCHEUR, N. **La fabrication des mâles**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Clara Luz, 2007.

_____. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2005.

_____. **Resumos dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado, 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GOMES, E. M. F. A construção do humor e a representação do feminino na mídia impressa. In: ARANHA, S. D. G. et. al. (orgs). **Os sentidos (des) velados pela linguagem**. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 49-71.

GREGOLIN, M. R. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. L. (Orgs.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

_____. Jean-Jacques Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: Novos objetos, Novos Olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (org.). **Análise do discurso: herança, métodos e objetos**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2008, p.21-35.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 87-120, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2001.

HERNÁNDEZ, I. Identidades étnicas subordinadas y identidades masculinas hegemónicas. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Ed.). **Masculinidades y equidad de género em América Latina**. Santiago: FLACSO-Chile, 1998.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ITABUNA. Charge: desigualdade de gênero. Disponível em: www.bancariositabuna.com.br. Acesso em: 21 dez. 2017.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. London: Arnold, 2000-2001 [1996].

LILA. Dia Internacional da Mulher. Disponível em: www.folhadecondeuba.com.br. Acesso em: 22 mar. 2018.

LIMA, E. C. A. **Gênero e Política: a disputa das mulheres por espaço de poder**. Campina Grande: EDUEFCG, 2016.

MAGÔ POOL. Charges: a homofobia em questão. Disponível em: www.objetivoatualidades.com.br. Acesso em: 15 jan. 2018.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação & Identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P.A. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 221-270.

_____; ALMEIDA, S. M.; CASTRO, P. A. de. Gênero e pobreza: a situação educacional dos filhos e filhas de mulheres presas e dos filhos e filhas de jovens infratoras no estado do Rio de Janeiro. **Relatório de Pesquisa**. CNPq, 2011.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica de estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002. p 17-29.

MILANEZ, N. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (org.) **Sujeito e subjetividades: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. O corpo é um arquipélago. Memória, intericonicidade, identidade. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

MITTMANN, S. Texto imagético e autoria. In: INDURSKY, F.; MITTMANN.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

MOSSE, G. L. **The image of man**. The creation of modern masculinity. New York: Oxford University Press, 1996.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. **O sentido nas malhas do discurso**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/109924446/2010-12-16-NAVARRO-P-L-O-Sentido-Nas-Malhas-Do-Discurso>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, L.S. de O. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. (org.) **Letras & Comunicação**: uma parceria no ensino de língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 265-275.

ORLANDI, E. P. **Eu, Tu, Ele**: Discurso e real da história. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

_____. **Discurso e Leitura**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M.. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. “Role de la Mémoire”. In: **Histoire et Linguistique**. Tradução: NUNES, José Horta, 1983.

_____. **O Papel da Memória**. Campinas: Ed. Pontes, 2007.

_____. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

_____. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 311-319.

PEREIRA, J. N. Joan Scott e Pierre Bourdieu: contribuições para a análise das relações sociais a partir da categoria gênero. In: LIMA, E. C. A. **Gênero e Política**: a disputa das mulheres por espaços de poder. Campina Grande: EDUFPG, 2016.

PEREIRA, T. M. A. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, Antônio de Pádua et.al (orgs.). **Ensino de Língua**: do impresso ao virtual. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 101-117.

POSSENTI, S. Ainda a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (Orgs.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. 2.ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p. 37-46.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998

PXEIRA. Charge: denuncie. Disponível em: www.humorpolitico.com.br. Acesso em: 03 mai. 2018.

SACRAMENTO, S. M. P.; RODRIGUES, I. O. **Literatura infanto-juvenil**: pedagogia. Ilhéus, BA: Editus, 2011.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **A imagem**: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTOS, V. B. dos. Os discursos masculinos sobre as práticas violentas de gênero. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, p. 300, 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, v. 5, n.2, jul/dez, 1990.

SINFRÔNIO. Charge: dia da mulher. Disponível em: www.humorpolitico.com.br. Acesso em: 02 abr. 2018.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 73-102.

SOIHET, R. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-29, 1997.

SOUZA, T.C.C. **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. São Paulo: Campinas, 2001.

VILELA, L. Cadela. In: CLAVER, R. **69/2 contos eróticos**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006.